



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UNIR)
Núcleo de Ciências e Tecnologia (NCT)
Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente

MÔNICA REGINA PERES

ARTESANATO EM MADEIRA:

Um estudo comparativo entre artesãos de Ariquemes e Porto Velho

Porto Velho (RO)
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UNIR)
Núcleo de Ciências e Tecnologia (NCT)
Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente

ARTESANATO EM MADEIRA:

Um estudo comparativo entre artesãos de Ariquemes e Porto Velho

MÔNICA REGINA PERES

Orientador: Prof. Dr. Antônio Cláudio Barbosa Rabello.

Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, Área de Concentração em Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional, para obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente.

Porto Velho (RO)
2009

MÔNICA REGINA PERES

ARTESANATO EM MADEIRA:

Um estudo comparativo entre artesãos de Ariquemes e Porto Velho

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Cláudio Barbosa Rabello
(Orientador)

Prof. Dr. Osmar Siena
(Membro)

Prof. Dr. Artur de Souza Moret
(Membro)

Porto Velho, 10 de junho de 2009.

Resultado:

Dedico esse trabalho a Deus, meu Pai e Criador, Onipotente e presente em todos os dias de minha vida. Aos amigos e familiares que compreenderam minhas ausências no convívio diário e me deram forças para reencontrar minha esperança e meu orgulho e assim buscar meu lugar ao sol.

AGRADECIMENTOS

Ao completar mais uma etapa das várias que ainda virão em minha vida, agradeço o apoio das pessoas especiais que Deus colocou em meu caminho, meus pais, filhos e amigos. Aos anjos que me auxiliaram nos momentos difíceis, aqui incluo o professor Antônio Cláudio - o Tuninho, que sempre me animou a continuar sem desânimo e ao amigo e companheiro de estudo de todas as horas professor Luiz Carlos, que muito colaborou na confecção deste trabalho, emprestando material, dando conselhos e atenção. Aos colegas de trabalho que por várias vezes suportaram minhas "crises existenciais". E principalmente aos meus filhos que compreenderam e apoiaram esta minha caminhada, retribuindo minhas ausências com carinhos. A todos, o meu muito obrigada.

A cultura desempenha papel importantíssimo no desenvolvimento econômico e social de regiões ou de grupos, pois gera renda e proporciona postos de trabalho.

Maria Helena Cunha

RESUMO

O presente trabalho trata da produção de artesanato com madeira nas cidades de Porto Velho e Ariquemes, a primeira por ser a capital do estado de Rondônia e a segunda por ser considerado um dos pólos de extração e beneficiamento de madeira no estado. Para isso, abordamos as condições de produção e comercialização dos artesãos nas duas cidades, identificando os artesãos que utilizam madeira na confecção de suas peças. Avaliamos a influência do uso de resíduos de madeira nos custos totais da produção e a geração de emprego nessa atividade. A utilização de entrevistas estruturadas, com a técnica face-a-face, e a observação *in loco* nos proporcionaram a quantificação de matéria-prima utilizada, a renda mensal obtida, as formas de aquisição de madeira, as formas de produção das peças e os meios de escoamento desses produtos. Também consta neste estudo a influência dos resíduos de madeira na produção dos artesãos das duas cidades escolhidas para o estudo, resultando na necessidade de se entender a cultura como um fator econômico, que contribui para o desenvolvimento regional, podendo também ser sustentável ambientalmente e um fator de inclusão social.

Palavras-chave: Artesanato; Madeira; Processo de produção; Cultura; Desenvolvimento Regional

ABSTRACT

The present work treats about the production of craftwork with wood in the cities of Porto Velho and Ariquemes, the first one because of being the capital of the Rondônia State and the second one because being considered one of the poles of extraction and wooden improvement in the state. For that, we board the conditions of production and marketing of the craftsmen in two cities, identifying the craftsmen who use wood in the production of his pieces. We value the influence of the use of wooden residues at the total costs of the production and the generation of job in this activity. The use of structured interviews, with the technique face to face, and the observation in loco we were provided by the quantification from used raw material, the monthly obtained income, the forms of wooden acquisition, the forms of production of the pieces and the ways of drainage of these products. Also the influence of the wooden residues is in this study in the production of the craftsmen of two cities chosen for the study, turning in the necessity of the culture being understood like an economical factor, which contributes to the regional development, being able to be also environmental sustainable and a factor of social inclusion.

key words: Craftwork; Wood; Process of production; Culture; Regional Development

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografias 1 e 2	Imagem do desperdício em empresas de beneficiamento de madeiras.	68
Fotografia 3	Brinquedo	71
Fotografia 4	Utensílio doméstico	71
Fotografia 5	Fruteira para decoração	72
Fotografia 6	Relógio de parede, peça decorativa	72
Fotografia 7	Vaso para decoração	72
Fotografia 8	Oficina de artesanato na cidade de Ariquemes.	76
Fotografias 9 e 10	Feira do Porto na cidade de Porto Velho.	82
Fotografia 11	Exposição na AMARI em Ariquemes.	82
Fotografias 12 e 13	Loja da AARON em Porto Velho.	83
Fotografias 14 e 15	Feira do agricultor em Ariquemes.	84
Fotografias 16 a 19	Peças produzidas em Ariquemes	100
Fotografias 20 a 22	Peças produzidas em Ariquemes	101
Fotografias 23 a 27	Peças produzidas em Porto Velho	102
Fotografias 28 a 30	Peças produzidas em Porto Velho	103

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 01	Formas de participação do Estado nas atividades culturais	59
Gráfico 01	Percentual de municípios com grupos artísticos, por tipo - Brasil - 2006	43
Gráfico 02	Percentual de municípios com grupos artísticos, segundo a manutenção pelo poder público municipal - Brasil - 2006	44
Gráfico 03	Percentual de municípios com atividade artesanal, por tipo - Brasil - 2006	45
Gráfico 04	Quantos anos trabalha com artesanato	70
Gráfico 05	Quantos anos trabalho com artesanato no município	70
Gráfico 06	Os tipos de peças produzidas pelos artesãos nas oficinas	73
Gráfico 07	Criação do desing das peças	73
Gráfico 08	Média da renda mensal total dos artesãos	74
Gráfico 09	Renda mensal proporcionada pelo artesanato em madeira	75
Gráfico 10	Média da renda proveniente do uso de madeira reaproveitada	75
Gráfico 11	Forma de produção do artesanato	76
Gráfico 12	Formas de aquisição de madeira para produção do artesanato	77
Gráfico 13	Maiores dificuldades encontradas pelos artesãos na aquisição de madeira	77
Gráfico 14	Quantidade de madeira em m3 utilizado	78

	mensalmente na produção pelo artesão	
Gráfico 15	Finalidades do uso de resíduos de madeiras na produção de artesanato	78
Gráfico 16	Uso de outros resíduos de madeira (casa de árvores, galhos e cipós) para produção de peças de artesanato	79
Gráfico 17	O tipo de madeira utilizada pelo artesão	79
Gráfico 18	Há apoio do poder público para as atividades de artesanato	80
Gráfico 19	Se há apoio de entidades para aquisição de madeira utilizada no artesanato	81
Gráfico 20	Há apoio das entidades para a venda da produção	81
Gráfico 21	Participação em capacitação/qualificação para melhoria do processo de produção	85

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Artesãos Cadastrados	27
Tabela 02	Valor bruto da produção, custos das operações industriais, consumo intermediário, valor da transformação industrial e valor adicionado nos setores econômicos totais e culturais - Brasil - 2003	36
Tabela 03	Dispêndios Culturais por esfera do governo	39
Tabela 04	Descrição dos ramos das atividades culturais da indústria e sua correspondência na Classificação Nacional de Atividades Econômicas - CNAE 1.0	40
Tabela 05	Percentual da Despesa total, com cultura, do Governo Estadual, segundo Grandes Regiões e Unidades da Federação - 2003	42
Tabela 06	Percentual da Despesa total, com cultura, do Governo Municipal, segundo Grandes Regiões e Unidades da Federação - 2003	42
Tabela 07	Municípios, total e com política municipal de cultura, por ações implementadas nos últimos 24 meses, segundo Grandes Regiões e classes de tamanho da população dos municípios - 2006	46
Tabela 08	Municípios, total e com realização de feiras nos últimos 24 meses, mantidos pelo poder público municipal, por modalidade da feira, segundo Grandes Regiões e Unidades da Federação - 2006	47
Tabela 09	Número de empresas, pessoal ocupado total e assalariado no Cadastro Central de Empresas e no setor cultural - Brasil - 2003	47
Tabela 10	Arte popular; Artesanato e Trabalhos Manuais	64
Tabela 11	Matriz Conceitual SEBRAE	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAERON	⇒ Associação dos Artesãos do Estado de Rondônia
AMARI	⇒ Associação das Pequenas Empresas de Móveis de Ariquemes
CETENE	⇒ Centro de Educação Tecnológica e de Negócios de Rondônia
CNAE	⇒ Classificação Nacional de Atividades Econômicas
Cooperativa Açaí	⇒ Cooperativa dos Artesãos do Estado de Rondônia - Açaí
COMARI	⇒ Cooperativa dos Moveleiros do Município de Ariquemes
FECOMÉRCIO -RO	⇒ Federação do Comércio - Rondônia
Feira do Porto	⇒ Associação dos Artesãos de Porto Velho
IBGE	⇒ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MinC	⇒ Ministério da Cultura
PIB	⇒ Produto Interno Bruto
PNUD	⇒ Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
SEBRAE	⇒ Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas Empresas
SIIC	⇒ Sistema de Informações e Indicadores Culturais -
SPHAN	⇒ Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UNESCO	⇒ Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
CAPÍTULO I	15
O ARTESANATO NAS CIDADES DE PORTO VELHO E ARIQUEMES	15
1.1 OBJETIVOS	16
1.1.1 Objetivo geral	16
1.1.2 Objetivos específicos	17
1.2 JUSTIFICATIVA	17
1.3 METODOLOGIA	20
1.3.1 Tipo da Pesquisa	20
1.3.2 Técnicas	23
1.3.2.1 Documental	23
1.3.2.2 Pesquisa de Campo	25
1.4 DELIMITAÇÕES DO UNIVERSO	26
1.5 LEVANTAMENTO DOS DADOS	27
1.5.3 Tratamento Estatístico	27
1.5.4.3 Local da Coleta dos Dados	28
1.5.4.4 Instrumento de Coleta dos Dados	28
1.5.4.5 Tratamento dos Dados	29
1.6 HIPÓTESES	29
CAPITULO II	31
CULTURA COMO ATIVIDADE ECONÔMICA	31
2.1 A INFLUÊNCIA DA CULTURA	32
2.1.1 Um pouco de história	34
2.1.2 Contribuição da cultura para a economia	36
2.2 ECONOMIA E CULTURA	38
2.2.1 Produtos e Atividades da Cultura	39
2.2.2 Investimentos em Rondônia	41
2.2.3 Os grupos culturais	43
2.3 ARTESÃOS E MERCADO	44
CAPITULO III	51
CULTURA E ESTADO	51
3.1 UM SISTEMA DE CULTURA	53

3.2 POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS _____	54
CAPITULO IV _____	61
ARTE E ARTESANATO _____	61
4.2 EXTRAÇÕES, DESPERDÍCIOS E RESÍDUOS _____	65
4.3 O ARTESANATO COM MADEIRA _____	69
4.3.1 Os artesãos: produção e oficinas _____	74
4.3.2 Ações de entidades e governo _____	80
4.3.3 Acesso ao mercado e capacitação _____	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	87
BIBLIOGRAFIA _____	94
ANEXO A - Produtos de artesãos de Ariquemes _____	100
ANEXO B – Produtos de artesãos de Porto Velho _____	102
APÊNDICE A _____	104
APÊNDICE B _____	109

APRESENTAÇÃO

Ao analisar as variações do Produto Interno Bruto Nacional observa-se que o setor agropecuário, a indústria e o setor de serviços são fundamentais para a composição do PIB e para o crescimento deste. Em 2006 a agropecuária foi o setor que mais cresceu, com 3,2% em relação ao ano anterior, contra 3,0% da indústria e 2,4% do setor de serviços.¹ Todavia, outros setores merecem atenção. Em estudo realizado pela Fundação João Pinheiro por solicitação do Ministério da Cultura, constatou-se que a Cultura movimentava em 1997² cerca de 6,5 bilhões de reais, o que equivalia na época a 1% do PIB nacional. A pesquisa também demonstrou que para cada 1 milhão de reais investidos em Cultura, eram gerados 160 postos de trabalho, fossem eles diretos ou indiretos. Desde 1970, países membros da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) incorporaram a cultura em suas estratégias de desenvolvimento social e econômico, a França foi um dos primeiros a incluir a Cultura no plano de metas nacional, conforme divulgado nos indicadores culturais de 2003 (REIS, 2007). Portanto, nesse estudo a cultura será adotada como atividade econômica geradora de bens e serviços dos artesãos das cidades de Ariquemes e Porto Velho, que utilizam madeira para a produção de suas peças.

São vários os campos desta "economia da cultura" que podem ser potenciais para o desenvolvimento regional. Produtos como a cerâmica artesanal, a tecelagem com fibras, as biojóias, as festas populares são contribuições importantes no país e estão classificados como cultura popular. Mas, sendo a produção artesanal com uso de madeira a segunda maior atividade artesanal³ dos municípios brasileiros, representando 39,7% da produção artesanal no Brasil, e

¹ Cf. www.ibge.gov.br

² Esse estudo foi o único realizado pelo Ministério da Cultura sobre o tema.

³ Atividade Artesanal, por tipo – Brasil – IBGE 2006

por ser Rondônia um estado com intensa atividade madeireira e um grande desflorestamento, optou-se por ter como objetivo identificar e comparar os tipos de peças e as práticas dos artesãos que trabalham com madeira nas cidades de Ariquemes e Porto Velho, além de identificar a média de renda mensal desses indivíduos.

Realizar o levantamento de dados desta pesquisa com a técnica de entrevista estruturada e o método face-a-face possibilitou um maior contato com os indivíduos foco deste estudo e assim verificar a mão-de-obra utilizada e as formas de uso dos resíduos de madeira por estes artesãos.

CAPÍTULO I

O ARTESANATO NAS CIDADES DE PORTO VELHO E ARIQUEMES

A retirada de madeira propiciou o surgimento dos pólos madeireiros¹ no estado de Rondônia, que trabalham desde a obtenção da matéria-prima na floresta até as indústrias de beneficiamento, e é nesse processo que se percebe um grande potencial para o aproveitamento dos resíduos da madeira na produção artesanal.

Dos 52 municípios de Rondônia, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em pesquisa solicitada pelo Ministério da Cultura (Minc), foram identificados 33 municípios com produção artesanal com madeira, segundo os dados de 2006. O município de Ariquemes tem destaque por possuir pólo madeireiro e pólo moveleiro. A experiência deste município com o aproveitamento dos resíduos madeireiros, com o apoio da prefeitura através da Fundação Cultural, tem realizado ações promocionais junto à categoria de artesãos, que vêm produzindo trabalhos variados com resíduos destes pólos e propiciando a participação em feiras e exposições divulgando e comercializando seus produtos, gerando renda e valorizando a produção local. Foram identificados, através dos registros em associações, cooperativas e visitas em feiras, os artesãos e as suas formas de produção, as formas de aquisição da matéria-prima, as formas de capacitação e quais os tipos de apoios este grupo recebem e de que forma recebe.

¹ Municípios cujas serrarias produzem mais de 100 mil metros cúbicos de madeira ao ano.

Mediante o resultado das observações iniciais, surgiu o questionamento se as ações adotadas em Ariquemes corroboram para melhoria ambiental e social, sendo exemplo para ações a serem adotadas em Porto Velho, com vistas a uma maior participação do segmento dos artesãos que trabalham com madeira na economia da cultura da capital e como uma alternativa de geração de emprego e renda, bem como proporcionar maior valorização dos produtos confeccionados pela classe artesã.

Desta forma se optou por fazer esta pesquisa com os artesãos cadastrados pelas entidades Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas Empresas Rondônia (SEBRAE-RO), Centro de Educação Tecnológica e de Negócios de Rondônia (CETENE) dessas duas cidades. Definiu-se fazer uma pesquisa censitária com abordagem qualitativa, o que propiciou a aproximação entre pesquisador e o grupo pesquisado. Mediante a definição do tipo de pesquisa e onde seria desenvolvida, busca-se responder a questão que esse trabalho se propõe: se os produtos artesanais de madeira são fonte de renda para artesãos em Ariquemes e se essa forma de produção também é viável para Porto Velho.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Comparar se a produção de artesanato em madeira entre os artesãos de Ariquemes e Porto Velho, com a utilização de resíduos é viável economicamente para o desenvolvimento regional e se há contribuição ambiental, através do aproveitamento desses resíduos e socialmente, observando a geração de emprego que esta atividade proporciona nas oficinas/ateliês.

1.1.2 Objetivos específicos

Identificar pelos cadastros de instituições os grupos de artesãos, das cidades de Porto Velho e Ariquemes, que utilizam madeira na confecção de seus produtos e a média de renda destes grupos.

Quantificar, por amostragem, os "produtos artesanais" confeccionados com base em resíduos de madeira beneficiada em indústrias madeireiras nas cidades de Porto Velho e Ariquemes.

Verificar através de entrevista se há o uso de resíduos de madeiras na cadeia produtiva dos artesãos das cidades de Porto Velho e Ariquemes, como garantia de menor custo na produção.

Descrever qual o tipo de mão-de-obra utilizada nas oficinas/ateliês dos artesãos das cidades de Porto Velho e Ariquemes com os dados obtidos pela entrevista realizada na pesquisa de campo.

1.2 JUSTIFICATIVA

Para a compreensão da opção pelo tema, faz-se necessário esclarecer que o artesanato regional utiliza-se, principalmente, de matéria-prima disponível em abundância onde será desenvolvido que, segundo MARINHO (s.d.) *"o artesão deve trabalhar com técnicas, ferramentas, equipamentos e matérias-primas disponíveis em seu território e acessíveis ao seu nível de conhecimento"*. O fazer artesanal é uma ação direta do homem sobre a produção, diferentemente do artista que cria obras únicas de sua inspiração, o artesão procura seu modelo de produto e o fabrica, a quebra deste padrão de massificação é conseguida através das irregularidades imprimidas pelo fazer humano sem interferência industrial. A

irregularidade na produção destes objetos torna-se uma atração ao trabalho manual do artesão, ganhando nossa simpatia pelos produtos elaborados com bases em nossas tradições culturais (FUNARTE, 1980).

Portanto, estando o estado de Rondônia inserido em uma região com abundância em madeira, sendo freqüentadora e admiradora do artesanato oriundo desta matéria-prima, ouve a empatia em realizar um estudo que viesse a colaborar com a identificação dos grupos de produção de artesanato em madeira. Não sendo encontrada literatura específica, a pesquisa tornou-se um desafio em demonstrar que essa forma de produção, além de renda familiar pode ajudar a diminuir os impactos ambientais. Afinal, somente a partir dos anos 90 o Brasil passou a demonstrar uma real preocupação com o aproveitamento dos recursos madeireiros e assim surgiram as denominadas práticas do bom manejo florestal, (Uliana, 2005), com o uso da certificação florestal e de práticas sustentáveis de produção, pois um dos grandes problemas modernos em nossa sociedade é a geração de resíduos de todas as formas. Portanto, quando o assunto trata de técnicas de um maior aproveitamento de nossas reservas florestais, certificadas ou não, pode-se afirmar que tal ação gera benefícios sociais, ambientais e econômicos.

Entre as atividades culturais, consideradas pelo IBGE em seus levantamentos, há a produção de artesanatos de diversos tipos e para entender essa diversificação do artesanato brasileiro, recorreu-se à formação sócio-cultural do Brasil, sua imensidão e diversidade que teve como base da sua formação cultural as populações: indígenas, africanas e européias, que juntas e com suas influências nas várias regiões do país definiram o sotaque, o gosto por determinados alimentos, o uso de plantas nativas, a fabricação de utensílios, acessórios e adornos. Porém, hoje, as comunicações estão facilitadas, ampliando as possibilidades de interação entre diferentes povos criando alternativas nas

formas de reproduzir objetos para o consumo do mercado de massa. Pode se analisar as influências sofridas pelas comunidades ao produzirem seus bens culturais, principalmente quando estas usam desses bens para o sustento familiar, às vezes sendo a única fonte geradora de renda, comumente trabalhando como autônomos ou como pequenos empregadores, produzindo peças que seguem tendências de moda e que podem assim agradar aos clientes.

Entre as cadeias produtivas do Brasil, o artesanato, que tem parte de suas raízes no trabalho rural, tem elevado potencial de geração de renda em todos os Estados, conforme pesquisa do IBGE revela, posicionando-se como um dos eixos estratégicos de valorização, de desenvolvimento regional e como atração turística.

Como exemplo da importância do artesanato, pode-se citar os bordados do Ceará, os adornos de barro de Pernambuco; as panelas de pedra em Minas Gerais entre outros. Para identificar a produção artesanal de Rondônia, foram utilizados nesta pesquisa os conceitos propostos pelo Conselho Mundial do Artesanato, que também define as categorias dos produtos artesanais de acordo com sua origem, uso e destino. Assim dividido: Arte popular; Artesanato; Trabalhos manuais. Também foi utilizado o Termo de referência do Artesanato, elaborado em 2004 pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas Empresas Nacional - SEBRAE Nacional, após cinco anos de implantação do Programa SEBRAE de Artesanato.

Assim, o resultado dessa pesquisa demonstra a existência dos grupos de artesãos nas duas cidades pesquisadas que utilizam a madeira como matéria-prima e que o aproveitamento de resíduos de madeira poderia contribuir para a preservação ambiental, pois deixariam de ser queimados ou depositados em lugares impróprios. Ao mesmo tempo e sob os pontos de vistas sociais e econômicos, o aproveitamento seria uma forma de diminuir os custos da produção artesanal e possibilitar o sustento de artesãos da região.

1.3 METODOLOGIA

No estudo que se apresenta, para compreender como a produção do artesanato com resíduos de madeira pode ser relevante para a manutenção dos artesãos, iniciei fazendo um levantamento de dados relativos ao índice do desperdício de madeira e outro levantamento quanto à identificação das entidades de apoio aos artesãos locais e, posteriormente, como forma de localizar os artesãos que utilizam madeira para expressar sua criatividade, procurei as entidades de apoio. Em seguida, busquei definir e identificar as formas de artesanato e de cultura popular. Nesta etapa, alguns indicadores econômicos se tornaram importantes, o que levou a pensar em uma "economia da cultura".

1.3.1 Tipo da Pesquisa

Ao iniciar a abordagem de algum tema, devem-se ter as diretrizes do trabalho e os caminhos a seguir, assim, este estudo está ligado à área das ciências humanas e utilizado o método hipotético-dedutivo em estudo comparativo, que de acordo com Kaplan (1972, p. 12):

[...]o cientista, através de uma combinação de observação cuidadosa, hábeis antecipações e intuição científica, alcança um conjunto de postulados que governam os fenômenos pelos quais está interessado, daí deduz ele as conseqüências por meio de experimentação e, dessa maneira, refuta os postulados, substituindo-os, quando necessário por outros e assim prossegue.

E para o tipo de pesquisa proposta foi seguida o que recomenda a obra de Marconi e Lakatos (2006, p. 19) onde os critérios para a classificação da pesquisa desejada é dada pelo enfoque do autor e também estabelece as estruturas a

serem seguidas. Propomos neste estudo uma pesquisa aplicada descritiva, que segundo justifica Rudio (1986) "*Descrever é narrar o que acontece [...] a pesquisa descritiva está interessada em descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los*". E também *exploratória*, que segundo Oliveira (2005, p. 71) "Este tipo de pesquisa objetiva dar uma explicação geral sobre determinado fato, através de delimitação do estudo, levantamento bibliográfico, leitura e análise de documentos." Houve a necessidade em comprovar a cientificidade do estudo, e para isso utilizou-se mais de um método, pois ficou entendido que as *pesquisas qualitativas e quantitativas se completam* neste estudo. Nesta combinação usou-se o método *comparativo* para as realidades nas cidades dos grupos estudados. A partir dessas informações pode-se vivenciar o contexto real, permitindo-me prosseguir para uma orientação interdisciplinar e subjetiva que focou na compreensão dos fatos e não em uma mensuração, visto que a busca de dados oportunizou o contato direto do pesquisador com o objeto a ser estudado, nesse caso, com a produção de peças artesanais em madeira sendo ou não produzidas de resíduos desta matéria-prima. Este caráter descritivo e o enfoque hipotético-dedutivo utilizado para a análise de dados têm relação com pesquisa qualitativa. E ao mesmo tempo, outros dados também foram coletados, como a quantificação desta produção e com interpretações de tabelas, quadros e gráficos gerados por diversas instituições como as pesquisas do IBGE, do SEBRAE e outras entidades, além do tratamento estatístico que este estudo requer que são relativos à pesquisa quantitativa.

Com o intuito de obter uma melhor "imagem" do objeto estudado, a presente pesquisa usa os métodos e técnicas acima descritos. A dinâmica de investigação e trabalho integra a análise de processos e resultados com as relações envolvidas ao verificar a produção artesanal em madeira e sua influência na manutenção do artesão fixado em Ariquemes e Porto Velho, e como o uso dos resíduos desperdiçados pode ser fundamental para a continuidade desta arte e

principalmente, melhorar as condições de sustento dos indivíduos engançados neste ofício. Através das técnicas envolvidas na realização desta pesquisa e das características do problema, foi na investigação primária, para recolher e analisar os dados de fontes primárias (obsevações, entrevistas estruturadas, etc.) e a análise secundária dos dados oficiais tais como censos, relatórios, etc. que possibilitou a comparação entre os grupos estudados.

Tratando-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, buscou-se a construção de um instrumento de pesquisa adequado à realidade dos atores pesquisados sob a investigação da pesquisa empírica na busca de dados que fossem relevantes obtidos pelas experiências e vivências dos artesãos. A valorização desse tipo de pesquisa é por perceber a falta de estudos relativos ao tema e que os dados obtidos servirão como base para outras discussões. Asssim, na visão de Demo (1994, p. 37) ao discorrer sobre o que esperar deste tipo de pesquisa, diz:

[...]possibilidade que oferece de maior concretude às argumentações, por mais tênue que possa ser a base fatural. O significado dos dados empíricos depende do referencial teórico, mas estes dados agregam impacto pertinente, sobretudo no sentido de facilitarem a aproximação prática.

Mediante os objetivos propostos para a execução deste trabalho, utilizou-se de várias formas de pesquisa, tais como: a documental, a bibliográfica, a de pesquisa de campo com a elaboração do roteiro de entrevista juntamente com os métodos de coleta, descrição e a tabulação dos dados, de instrumento de pesquisa adequados à realidade, ainda, pretendeu-se determinar a atuação do mercado da produção artesanal na cidade de Porto Velho e Ariquemes. Os dados foram coletados junto a entidades IBGE, Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas Empresas Rondônia (SEBRAE-RO), Centro de Educação Tecnológica e de Negócios de Rondônia (CETENE) e entidades associativas. Foi feita a

identificação e o contato com esses produtores, bem como as visitas aos pontos de vendas, aos ateliês e oficinas de trabalho na tentativa de se documentar e coletar os dados necessários através de observações e entrevistas. A medida estatística utilizada é a porcentagem e os dados são apresentados em forma de gráficos com números absolutos.

1.3.2 Técnicas

Toda pesquisa implica no uso de processos que possibilitem o levantamento de dados em variadas fontes para a obtenção de dados válidos ao propósito deste estudo. Assim, utilizou-se as pesquisas: documental, bibliográfica e de campo através de entrevistas com atores e entidades representativas.

1.3.2.1 Documental

Trata de documentos que não receberam tratamento analítico ou que ainda puderam ser reelaborados de acordo com o objeto da pesquisa, sendo necessária a busca das informações prévias sobre os dados sócio-econômicas e culturais de Porto Velho e de Ariquemes, através dos dados regionais de interesse para realização deste estudo.

Conforme Marconi e Lakatos (2006, p.62), ao utilizar como fonte os dados restritos a documentos com o intuito de recolher informações prévias sobre o campo de interesse, é realizada a pesquisa documental. Sendo ela essencial á pesquisa nas áreas de ciências sociais e humanas, visa o acesso às fontes de informação escritas ou não.

Neste estudo identifiquei autores e instituições preocupados em relatarem suas pesquisas, assim devo citar Reis (2002 e 2007) que afirma de várias formas que *"a cultura é tida como fator de propulsão ou de resistência ao desenvolvimento econômico"* e descreve em vários gráficos e tabelas os bens culturais e suas influências econômicas. Contudo, Throsby (2002, p.164) descreve o descaso dos economistas em relação ao papel da cultura no processo de desenvolvimento e crescimento dos países. Tolila (2007) faz uma análise da necessidade de refletirmos sobre o setor cultural em um plano socioeconômico, distanciando-nos de uma definição puramente antropológica da cultura. Porém, no Relatório de Desenvolvimento Humano do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD (2004) demonstra a necessidade em não utilizarmos uma abordagem determinista para relacionar desenvolvimento e cultura, mas, devemos compreender que as mudanças culturais ocorrem pelas interações econômicas e políticas com outras culturas. No entanto, as pesquisas do IBGE em parceria com o Ministério da Cultura (MinC), apresentaram os resultados do Suplemento de Cultura da Pesquisa de Informações Básicas Municipais (MUNIC, 2006), onde foi levantado um conjunto de informações sobre a diversidade cultural em todo o país, neste suplemento foi possível identificar os municípios que possuem atividades com artesanatos e as formas de apoio que os artesãos recebem pelos órgãos governamentais. Porém, para o entendimento da questão, as pesquisas e relatórios do Programa SEBRAE de Artesanato, propiciaram uma visão mercadológica¹ e formas de intervenção para a capacitação e qualificação dos artesãos e entidades afins.

¹ Referente ao tamanho do mercado, avaliação de crescimento em participação, satisfação do consumidor e índice de retenção de clientes, conforme Robert Kaplan, 1992.

1.3.2.2 Pesquisa de Campo

De acordo com Assumpção (2008, p.45) sobre a pesquisa de campo que deve ser:

[...] utilizada com o objetivo de conseguir informações, e/ou conhecimentos, acerca de um problema para a qual se procura uma resposta; ou, de uma hipótese que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos, ou as relações entre eles.

Não tem o intuito de produzir ou reproduzir os fatos que estuda. Em harmonia com essa linha de pensamento, temos a afirmação de Ruiz (1996, p. 50).

Esta espécie de pesquisa não permite o isolamento e o controle das variáveis supostamente relevantes, mas permite o estabelecimento de relações constantes entre determinadas condições - variáveis independentes - e determinados eventos - variáveis dependentes-, observadas e comprovadas.

Ainda, de acordo com Marconi e Lakatos (2001, p. 107), sobre as técnicas de coleta de dados, optou-se em utilizar na pesquisa de campo a observação direta intensiva, com a técnica de entrevista estruturada. Por ser este um estudo exploratório, que têm por objetivo descrever determinado fenômeno, clarificando os conceitos com relação aos temas abordados; bem como justificar a utilização e descrição da população do objeto da pesquisa. Como afirmado por Köche (1999, p. 126) "*Na pesquisa exploratória não se trabalha com relação entre as variáveis, mas com o levantamento da presença das variáveis e da sua caracterização quantitativa ou qualitativa.*". E ainda complementa: "*O objetivo fundamental de uma pesquisa exploratória é o descrever ou caracterizar a natureza das variáveis que se quer conhecer.*".

1.4 DELIMITAÇÕES DO UNIVERSO

Sobre os limites desta investigação, a população da pesquisa é composta pelos grupos dos artesãos da cidade de Porto Velho, com 10 atores e comparados aos da cidade de Ariquemes com 09 atores. Portanto, os resultados só são válidos para a população das referidas cidades mencionadas e não os vários distritos e povoados pertencentes aos municípios, que não são alvos desta pesquisa e nem aos artesãos que não estejam cadastrados nas entidades SEBRAE-RO e CETENE.

Rudio (1997, p.48-51) enfatiza que o estudo científico não está interessado em pesquisar indivíduos isolados ou casos particulares e define população para a pesquisa científica como sendo *"[...] a totalidade de indivíduos que possuem as mesmas características, definidas para um determinado estudo."* Contudo, explica que se pode fazer uso de novos termos para *"especificar outras populações que se encontram dentro de populações já definidas."* Então, a população pesquisada (universo), foram os artesãos cadastrados no SEBRAE-RO e CETENE que utilizam madeiras para confecção de seus produtos e atuam em Porto Velho e em Ariquemes, bem como as entidades associativas que apoiam suas produções.

Também há respaldo para essa delimitação em Moreira (2002, p.76), onde afirma que: *"[...] população (universo) entendemos como toda a coleção de pessoas, objetos, situações ou dados de nosso interesse"*. Para desenvolver qualquer pesquisa, situações inesperadas, dificuldades e críticas surgem, porém algumas foram previstas com certa antecipação no decorrer dos estudos tais como: conseguir um cadastrado atualizado dos artesãos; conseguir material bibliográfico adequado ao assunto; dados econômicos das atividades nas cidades pesquisadas; e outras foram ser vencidas para chegar à conclusão deste estudo proposto.

1.5 LEVANTAMENTO DOS DADOS

Em geral uma pesquisa não é feita com toda a população a ser estudada, costuma-se selecionar uma parcela representativa desses elementos e chamar de amostra. Neste estudo, por ser a população estudada composta por poucos elementos, optou-se por usar uma pesquisa censitária, ou seja, não há a escolha de uma parcela, mas sim, de toda a população.

Por se tratar de uma pesquisa censitária os pesquisados compõem uma população (universo), sendo formados pelos artesãos cadastrados pelo SEBRAE e CETENE. No entanto, o quadro abaixo demonstra a situação restrita encontrada nas cidades de Porto Velho e Ariquemes:

Tabela 01: Artesãos cadastrados

	Artesãos	Entidades	Artesãos que utilizam madeiras na produção
PORTO VELHO	60	04	10
ARIQUEMES	25	02	09

Fonte: SEBRAE-CETENE-2006, adaptada pelo autor.

1.5.3 Tratamento Estatístico

O tratamento estatístico é o instrumento utilizado para analisar e interpretar os dados colhidos, e segundo Marconi e Lakatos (2001, p. 108-109), "[...] os dados colhidos pela pesquisa apresentar-se-ão em bruto, necessitando da

utilização da estatística para seu arranjo, análise e compreensão". Optou-se por usar a medida estatística descritiva, por melhor se adequar a esta pesquisa.

Sobre a estatística descritiva Moreira (2002, p. 72) "*[...] a estatística descritiva trabalha, tanto quanto possível, com modelos que nada mais são do que formas teóricas de organização dos dados, às quais se procura adaptar os dados reais". E ainda segundo Assumpção (2008, p.47), são estas que buscam fazer a interpretação dos dados qualitativos para o quantitativo dando maior rigor científico aos resultados da pesquisa.*

1.5.4.3 Local da Coleta dos Dados

A coleta foi realizada nas cidades de Porto Velho e Ariquemes, nas associações, nas entidades representativas de cultura, nos ateliês dos artesãos e mesmo em seus ambientes de exposição como feiras e lojas.

1.5.4.4 Instrumento de Coleta dos Dados

No primeiro momento, foi elaborado um pré-teste com uma entrevista estruturada para verificar sua qualidade e entendimento dos atores sobre as formas de produção do artesanato em Porto Velho. E de acordo com os objetivos, quais os produtos estão relacionados com os resíduos de madeira, quais fatores contribuem ou podem vir contribuir para o desenvolvimento da produção e a mão de obra que está sendo utilizada, conforme se pode averiguar nos roteiros contidos nos Apêndices A e B. Os dados foram coletados a partir do roteiro de entrevista com um espaço para o entrevistado expor suas justificativas quanto

ao assunto tratado. As entrevistas face a face transcorreram de forma neutra sem influência nas respostas por parte do entrevistador.

1.5.4.5 Tratamento dos Dados

Realizadas as entrevistas, coletados os dados, feita a tabulação e análise dos mesmos, são apresentados os resultados sobre quais os produtos são produzidos a partir de resíduos de madeira e o comportamento socioeconômico dos artesãos diante desta produção.

Para isso, houve a codificação dos dados, onde a classificação foi baseada em dados quantitativos (quanto) e dados qualitativos (como).

A expressão utilizada para a comparação de frequência nesta pesquisa é a de "percentagem" que segundo MARCONI e LAKATOS (2006, p.178): *"Tratam de proporções que se multiplicam por 100 ou porção de um valor dado q pode ser determinado, desde que se saiba quanto corresponde a cada 100"*. Mas apresentado em tabelas com números absolutos.

1.6 HIPÓTESES

Para Köche (1999, p.112), *"[...]as hipótese não podem ser produto nem de invenção arbitrária e nem da pura constatação dos fatos. Deverão, isto sim, ser razoáveis, consistentes, coerentes como referencial teórico proposto e passíveis de teste empírico através de suas conseqüências."* E ainda, Marconi e Lakatos (2004, p. 137), concluem que uma das características básica da hipótese é: *"[...]*

ela é um suposta, provável e provisória resposta a um problema". Mediante isso, considera-se como hipóteses deste estudo:

- a) os artesãos utilizando resíduos de madeiras na confecção de seus produtos estão colaborando para a construção de uma cadeia produtiva sustentável.
- b) o potencial econômico da atividade artesanal com madeira, mediante a análise do censo cultural do IBGE, pode ser melhorado.
- c) há preocupação por parte dos artesão em utilizar madeira de reflorestamento.

Com estas hipóteses foi possível identificar quantos artesãos dependem de sua arte para a manutenção familiar e como o aproveitamento de resíduos de madeira influencia atualmente a produção das peças e o quanto poderia influenciar.

CAPITULO II

CULTURA COMO ATIVIDADE ECONÔMICA

Em geral toda pesquisa é iniciada partindo de uma preocupação, de experiências pessoais e profissionais, que levam aos questionamentos que necessitam de embasamento teórico para sustentar o que queremos aprofundar em nossa pesquisa, assim, as teorias dos já consagrados estudiosos do assunto servirão para embasar este estudo, concedendo os aspectos científicos necessários para a realização deste trabalho.

Falar sobre o tema "cultura" é algo considerado de difícil explanação, pois segundo Bourdieu (2007, p. 208):

A cultura não é apenas um código comum nem mesmo um repertório comum de respostas a problemas recorrentes. Ela constitui um conjunto comum de esquemas fundamentais, previamente assimilados, e a partir dos quais se articula, segundo uma "arte de invenção análogo à da escrita musical", uma infinidade de esquemas particulares diretamente aplicados a situações particulares.

Quando levamos essa situação das particularidades para nosso imenso país, para nossa população miscigenada, fica claro o respeito que se deve ter sobre diversidade e como os fatores culturais influenciam a vida da nossa população.

O grande potencial madeireiro do estado se estabelece no beneficiamento de matéria-prima para as indústrias moveleiras e da construção, e assim só há interesse em grandes quantidades e em madeira considerada de alto padrão, e que o que "resta" deste processo ainda não gerou uma preocupação por parte de quem os produz. Sendo o artesanato a maior atividade artística identificada nos municípios, ao frequentar exposições e feiras de artesanatos locais, observa-se

que são poucos os produtos gerados a partir da madeira, mesmo sendo o artesanato em madeira considerado a segunda maior representatividade artesanal nas atividades dos municípios, segundo dados do IBGE.

Pensar em um aproveitamento de matéria-prima que possa ao mesmo tempo preservar a cultura criativa do artesão que utiliza a matéria abundante e de acesso facilitado, é uma forma de proporcionar a possibilidade de melhorar a renda familiar. Uma melhoria não só econômica, mas também uma valorização pela arte popular que tornará seus agentes reconhecidos pela sociedade.

2.1 A INFLUÊNCIA DA CULTURA

Não há como negar que as evoluções tecnológicas proporcionaram uma maior divulgação e produção dos bens culturais, mas antes cabe lembrar o que Ribeiro (1978, p.127) no início do quarto capítulo escreve:

Cultura é a herança social de uma comunidade humana, representada pelo acervo co-participativo de modos padronizados de adaptação à natureza para o provimento da subsistência, de normas e instituições reguladoras das relações sociais e de corpos de saber, de valores e de crenças com que seus membros explicam sua experiência, exprimem sua criatividade artística e a motivam para a ação.

Para entender como a cultura está organizada se faz necessário entender a riqueza das ações culturais, que vão desde o aspecto intelectual ao cotidiano das pessoas com seus hábitos, comportamentos e artefatos, função criativa e objetivo deste estudo. Sendo então a cultura algo presente em todos os seres humanos, ela faz parte da sociedade e influencia todos os campos da mesma. Para comprovar sua ação no aspecto econômico, faz-se necessário entender como as esferas públicas tratam este ramo de produção.

Cultura é a forma de representar as experiências e adaptações humanas na sociedade e na história, considerar o mercado cultural como um dos setores da economia, que gera riquezas e desempenha papel importante no desenvolvimento socioeconômico, é fator primordial para entender a influência que ela tem sobre as formas de produção e organização de cada comunidade humana, refletindo nas políticas públicas, nas gestões administrativas e nas formações de elos com as atividades do setor privado.

Alguns estudos também apontam para a relação do índice de marginalidade e a falta de instrumentos de lazer e cultura, conforme descreve Brant (2004, p.25) ao citar a pesquisa encomendada pela Organização Mundial da Saúde. Vários exemplos de projetos que usam a cultura como medida de recuperação e prevenção contra o crime e uso de drogas, são levados ao conhecimento da sociedade através de reportagens e divulgações dos seus executores e financiadores e em geral com o reconhecimento do poder público.

Hoje a cultura faz parte dos fatores decisivos para o desenvolvimento, contribui para um modelo econômico de forma estratégica, como observa Tolila (2007, p. 19) quando afirma:

Pensar a economia do setor cultural é uma arma para a cultura. Uma arma de que o setor cultural deve se apossar para melhorar sua própria visão das coisas, defender suas escolhas e sua existência, participar de maneira ativa do seu desenvolvimento futuro.

A cultura foi considerada como algo a margem da economia pelos estudiosos e a economia como algo que não merecia atenção pelos agentes culturais. Com a real necessidade de garantir a existência das várias categorias da cultural e o reconhecimento de seu valor por parte dos economistas, as atividades culturais tornaram-se uma alternativa para o desenvolvimento e conseqüentemente passaram a compor os indicadores econômicos e sociais.

2.1.1 Um pouco de história

Ao analisar a história percebe-se que a colonização brasileira esteve cercada por interesses econômicos inquestionáveis e sempre justificada pelos nossos colonizadores como forma de ganhos econômicos e compreender o processo da ocupação territorial, onde a lógica está na ocupação dos litorais, facilitando o escoamento dos produtos, como madeiras nobres, a cana-de-açúcar e posteriormente minérios.

Com a ocupação influenciada pelo mercado, onde a economia canavieira, como outros produtos primários que já atendiam o mercado internacional, teve sua exploração como geradora de riquezas, mas sem desenvolvimento da colônia, foi construída a sociedade brasileira, como é observado nas obras do economista Celso Furtado.

Neste Brasil colônia da cana de açúcar, onde o desenvolvimento urbano estava atrelado a garantir infraestrutura administrativa e portuária a essa forma de economia, surgiram culturas diversificadas, tendo uma forte presença africana, além das presenças do índio e do branco, este o grande proprietário que criou uma forma de aristocracia. Todo este contexto impedia o aparecimento de outras atividades, e somente a partir de 1808 foi dada liberação para que indústrias se instalassem no Brasil. Com a transferência da família real para o país, foram criadas as instituições de ensino e cultura e estas mudanças foram os passos iniciais para a criação do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e a Escola Nacional de Belas Artes.

Somente a partir de 1870, houve uma forte influência por parte dos folcloristas, pesquisadores das tradições populares, que percebiam no Brasil a total falta de registros culturais, ao contrário do que acontecia na Europa e América do Norte. No final do século XIX, vários imigrantes foram atraídos para

o Brasil, o que então resultou em uma grande influência cultural nos locais que se instalaram em maior quantidade, prova disso são as construções e formas de cultivo na região sul do país, bem como o surgimento de novos costumes ainda hoje muito apreciados na culinária e vestuário dos sulistas. Também surgia nesta época o movimento de valorização dos povos indígenas como modelo de identidade brasileira. Estas situações incomodaram muitos intelectuais da época que viam nas misturas étnicas, principalmente entre os negros e índios, fatores de atraso e degeneração do país.

Enquanto o crescimento político e econômico era a grande preocupação da sociedade da época, alguns grupos de intelectuais modernistas que preocupados com as produções culturais e o patrimônio histórico, propiciaram em 1937 o surgimento do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Esses atores que em defesa da cultura das camadas sociais mais favorecidas, mantiveram uma política cultural vanguarda por mais de 30 anos. Mas com a crise do regime militar na década de 70, essa política começou a ser contestada por favorecer as produções das elites e assim começou a mudança, com profissionais de diferentes perfis e novos interesses, o que evoluiu para a modernização do conceito de patrimônio cultural.

O Ministério da Cultura surgiu no início dos anos 80 no século passado sob a influência de intelectuais e de artistas para traçar os modelos culturais e as políticas necessárias aos interesses e qual seria a atuação específica dos produtores e atores culturais. É possível observar que os investimentos em cultura tiveram maior destinação para os grandes centros urbanos e, principalmente, para a indústria cultural. As políticas públicas, inicialmente implantadas pelo MinC, também repercutiram nos estados e municípios que passaram a prever investimentos no setor cultural.

2.1.2 Contribuição da cultura para a economia

A cultura ficou fora dos cálculos da economia mundial por muito tempo, hoje está no centro de debates econômicos. Temos como exemplo a Espanha que conforme descreve Reis (2007, p. 35) “a industrial cultural e do lazer gerou 3,1% do Produto Interno Bruto (PIB) espanhol em 1992, e 4,5% em 1997.” No Brasil, segundo os dados do MinC descrito por Costa (2004, p. 21):

[...]a produção cultural brasileira movimentou em 1997, cerca de R\$ 6,5 bilhões. Isso corresponde a aproximadamente 1% do PIB brasileiro, nos termos dos cálculos feitos para 1994 [...] para cada milhão de reais gastos em cultura, o país gera 160 postos de trabalho diretos e indiretos. [...] seu impacto social e econômico que mostra claramente a potencialidade da área para a geração de renda e de emprego.

Porém, os dados de 1997 e tratados com a metodologia de 1994, não revelam as mudanças ocorridas no setor nos últimos 10 anos após a conclusão da pesquisa. Atualmente, há várias políticas públicas e uma maior cobrança da sociedade no campo da cultura. Na tabela abaixo há dados mais atualizados, pesquisa datada de 2003, é possível observar como o setor cultural já é significativo:

Tabela 02 - Valor bruto da produção, custos das operações industriais, consumo intermediário, valor da transformação industrial e valor adicionado nos setores econômicos totais e culturais - Brasil - 2003			
Setor econômico total e cultural	Valor bruto da produção (1)	Custos das operações industriais ou consumo intermediário (2)	Valor da transformação industrial ou valor adicionado (3)

	1 000 R\$		
Total geral (IT+CO+SE)	1 409 069 083	750 334 263	658 734 820
Atividades culturais (AIC+ACC+ASC)	141 336 312	74 828 335	66 507 976
Participação das Atividades Culturais no total geral (%)	10,0	10,0	10,1
Indústria de transformação - IT	939 379 075	531 371 767	408 007 308
Atividades Industriais Culturais - AIC	42 829 534	24 270 361	18 559 174
Participação das Atividades Industriais Culturais - AIC			
Na Indústria de transformação (%)	4,6	4,6	4,6
No total geral (%)	30,3	32,4	27,9
Comércio - CO	145 134 382	54 989 692	90 144 690
Atividades Comerciais Culturais - ACC	4 598 310	2 239 833	2 358 477
Participação das Atividades Comerciais Culturais - ACC			
No comércio (%)	3,2	4,1	2,6
No total geral (%)	3,3	3,0	3,5
Participação das atividades ligadas diretamente à cultura no total das			
Atividades Comerciais Culturais - ACC (%)	40,3	30,3	49,2
Participação das atividades ligadas indiretamente à cultura no total das			
Atividades Comerciais Culturais - ACC (%)	59,7	69,1	50,8
Serviços - SE	324 555 626	163 972 804	160 582 822
Atividades de Serviços Culturais - ASC	93 908 468	48 318 141	45 590 325
Participação das Atividades de Serviços Culturais - ASC			
Nos Serviços (%)	28,9	29,5	28,4
No total geral (%)	66,4	64,6	68,5
Participação das atividades ligadas diretamente à cultura no total			
das Atividades de Serviços Culturais - ASC (%)	37,8	38,4	37,3
Participação das atividades ligadas indiretamente à cultura no total das Atividades de Serviços Culturais - ASC (%)	62,2	61,7	62,7

Fontes: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria, Pesquisa Industrial Anual - Empresa 2003; IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio, Pesquisa Anual de Serviços 2003, Pesquisa Anual de Comércio 2003.

Nota: As atividades tarjadas em cinza correspondem às atividades indiretamente relacionadas à cultura.

(1) Os valores brutos da produção da indústria, do comércio e dos serviços são auferidos de forma diferenciada. As particularidades do indicador em cada caso podem ser consultadas no glossário. (2) No caso da indústria, utilizam-se os

custos das operações industriais; no comércio e nos serviços, utiliza-se o consumo intermediário. As diferenças entre os indicadores podem ser consultadas no glossário. (3) No caso da indústria, utiliza-se o valor da transformação industrial; no comércio e nos serviços, utiliza-se o valor adicionado. As diferenças entre os indicadores podem ser consultadas no glossário.

2.2 ECONOMIA E CULTURA

As atividades culturais passaram a ser reconhecidas oficialmente como atividades sociais a partir do momento que foram criadas as leis específicas regulamentando as profissões, suas ações e produtos. Esta legitimidade ainda está sendo construída em nossa sociedade contemporânea, que demonstra em várias situações que não há um senso comum para tratar de questões tão multifacetadas, e relacionar as manifestações culturais e seus produtos criativos como produtos geradores de renda, só faz sentido se o foco for o seu potencial econômico, como coloca Brant (2004, p. 39).

Para organizar as informações estatísticas sobre a produção de bens e serviços culturais, sobre os gastos do governo, a posse de alguns bens duráveis relacionados com a cultura e o perfil socioeconômico da mão-de-obra ocupada em atividades culturais, o IBGE buscou mapear as atividades culturais com pesquisas regulares. Criando assim o Sistema de Informações e Indicadores Culturais (SIIC), que apresenta resultados do estudo relativo à organização e sistematização de informações relacionadas ao setor cultural a partir destas pesquisas, que adotaram a concepção de cultura relacionada com as atividades econômicas geradoras de bens e serviços. O setor cultural foi definido de uma maneira empírica, tomando-se como referência inicial a definição da UNESCO sobre as atividades culturais relacionadas.

[...] à criação, produção, e comercialização de conteúdos que são intangíveis e culturais em sua natureza. Estes conteúdos estão protegidos pelo direito autoral e podem tomar a forma de bens e

serviços. São indústrias em trabalho e conhecimento e que estimulam a criatividade e incentivam a inovação dos processos de produção e comercialização (INFORME..., 2004).

As atividades culturais dentro da sociedade contemporânea ganham cada vez mais importância em estilos e qualidade de vida, o que reflete diretamente nas atividades econômicas em geral, ao gerar empregos e renda, produção e demanda, promovendo arrecadação de impostos e incremento ao PIB - Produto Interno Bruto. Os investimentos com cultura nas esferas de governo no ano de 2003 estão descritas na tabela 03:

Tabela 03 - Despesas com cultura, por categorias econômicas, segundo a esfera de governo - 2003						
Esfera de governo	Despesas com cultura (1 000 R\$)					
	Total	Pessoal	Outras despesas de custeio	Capital fixo	Transferências	Despesas financeiras
Total	2 307 927	882 131	1 110 523	124 535	189 466	1 273
Federal	291 790	137 711	96 912	5 780	50 114	1 273
Estadual	746 851	317 598	306 598	35 300	87 355	-
Municipal	1 269 287	426 822	707 013	83 455	51 996	-

Fontes: Finanças do Brasil - FINBRA: dados contábeis dos municípios 2003. Brasília, DF: Ministério da Fazenda, Secretaria do Tesouro Nacional, v. 49, 2004. Disponível em: http://www.tesouro.fazenda.gov.br/estados_municipios/financas/Finbra2003v95.exe. Acesso em: out. 2006; Ministério da Fazenda, Secretaria do Tesouro Nacional, Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal - SIAFI; IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Contas Nacionais, Estatísticas Econômicas das Administrações Públicas 2003.

É possível notar que são os municípios os que mais investem nas questões culturais, seguido dos estados e por últimos o governo federal. As formas de aplicação destes recursos partem muitas vezes, de políticas públicas específicas e contam com a colaboração dos setores privados.

2.2.1 Produtos e Atividades da Cultura

A atividade econômica cultural adotada pelo SIIC é toda atividade realizada por empresas que produzem, pelo menos, um produto relacionado com a cultura. Para classificar as atividades econômicas culturais, o IBGE utilizou como referência a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE).

As classificações de atividades econômicas são construídas para organizar as informações estatísticas sobre os fenômenos relacionados com a contribuição das unidades produtivas (empresas) no processo econômico. O ordenamento dessas informações baseia-se na identificação de segmentos homogêneos quanto à similaridade de processos de produção, das características dos bens e serviços produzidos, e da finalidade para a qual os bens e serviços são produzidos.

Tabela 04 - Descrição dos ramos das atividades culturais da indústria e sua correspondência na Classificação Nacional de Atividades Econômicas - CNAE 1.0	
Descrição das atividades	Agregação das classes CNAE 1.0
Fabricação de artefatos diversos de madeira, palha, cortiça e material trançado - exceto móveis	20.29
Edição e impressão	22.14+22.15+22.16+22.17+22.18+22.19
Impressão de jornais, revistas e livros e outros serviços gráficos	22.21+22.29
Reprodução de materiais gravados	22.31+22.32+22.34
Fabricação de computadores	30.21
Fabricação de aparelhos telefônicos, sistemas de intercomunicação e semelhantes	32.22
Fabricação de aparelhos receptores de rádio e televisão e de reprodução, gravação ou amplificação de som e vídeo	32.30
Fabricação de produtos diversos	36.91+36.92+36.93+36.94
Fontes: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria Anual - Empresa 2003; Classificação Nacional de Atividades Econômicas - CNAE 1.0. In: IBGE. Sistema de Busca on line. Disponível em: http://www.cnae.ibge.gov.br/ . Acesso em out.2006.	

Neste estudo o foco é voltado para a atividade de "Fabricação de artefatos diversos de madeira, palha e material trançado - exceto móveis", mais especificadamente para a produção de artefatos de madeira.

2.2.2 Investimentos em Rondônia

A obra de Ribeiro (1995) retrata a miscigenação da identidade cultural brasileira durante a colonização. Na recente história da formação do estado de Rondônia, não há diferença para o restante do país, partindo da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, temos a participação de vários povos, como afirma Monteiro (apud ASSUMPÇÃO, 2008, p.28) “[...] com a vinda dos ingleses, americanos e nordestinos, recebe uma contribuição acentuada para a formação de nossa cultura [...]”.

Mesmo antes da ferrovia tivemos expedições estrangeiras na região amazônica e algumas fases de riqueza local que atraíam vários imigrantes, como confirma Monteiro (apud ASSUMPÇÃO, 2008, p.29) que “[...] anterior a ferrovia, já recebíamos a marcante presença dos nordestinos, mas precisamente cearenses que, motivados pelo ciclo da borracha, trouxeram seus costumes e tradições, contribuindo na solidificação de nossa cultura”.

Com todas as migrações favorecidas para um suposto desenvolvimento econômico, passamos ao terceiro estado mais populoso da região Norte na década de 70, conforme dados do IBGE. Porém, com a maior parte do território coberto pela floresta amazônica, o que conduz aos grandes desafios estruturais a serem vencidos com a constante preocupação de preservação ambiental. Como a exploração sustentável das riquezas da floresta, a proteção à fauna e à flora, o respeito às populações indígenas e um desenvolvimento urbano digno para os moradores dos seus 52 municípios.

Por ser recente sua história de ocupação, Rondônia ainda luta pelas suas características culturais, onde os traços dos povos estrangeiros, dos imigrantes - sejam eles nordestinos ou sulistas, buscam uma harmonia para que a história de sua formação seja preservada. Porém, os investimentos direcionados à cultura

ainda não representam o ideal necessário para a solidificação dos ramos culturais regionais.

Nas despesas dos governos estaduais com cultura, separados por Regiões, mostram que no Estado de Rondônia não houve representatividade nos investimentos do governo no ano de 2003.

Tabela 05 - Percentual da Despesa total, com cultura, do Governo Estadual, segundo Grandes Regiões e Unidades da Federação - 2003		
Grandes Regiões e Unidades da Federação	Despesa total, com cultura, do Governo Estadual	
	Total (1.000 R\$)	Percentual em relação às Unidades da Federação (%)
Brasil	746 851	
Norte	97 300	13,0
Rondônia	248	0,0
Acre	7 160	1,0
Amazonas	45 887	6,1
Roraima	655	0,1
Pará	37 898	5,1
Amapá	4 164	0,6
Tocantins	1 288	0,2

Fontes: Finanças do Brasil - FINBRA: dados contábeis dos municípios 2003. Brasília, DF; Ministério da Fazenda, Secretaria do Tesouro Nacional, v. 49, 2004. Disponível em: <http://www.tesouro.fazenda.gov.br/estados_municipios/financas/Finbras2003v95.exe>. Acesso em: out. 2006; IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Contas Nacionais, Estatísticas Econômicas das Administrações Públicas 2003.

Ao analisar os investimentos dos governos municipais em Rondônia, fica nítido o quanto estão distantes de uma realidade aceitável para o reconhecimento das atividades como influenciadoras na economia e desenvolvimento local.

Tabela 06 - Percentual da Despesa total, com cultura, do Governo Municipal, segundo Grandes Regiões e Unidades da Federação - 2003		
Grandes Regiões e Unidades da Federação	Despesa total, com cultura, do Governo Municipal	
	Total (1.000 R\$)	Percentual em relação às Unidades da Federação (%)
Brasil	1 269 293	
Norte	57 889	4,6
Rondônia	1 319	0,1
Acre	1 884	0,1
Amazonas	11 924	0,9

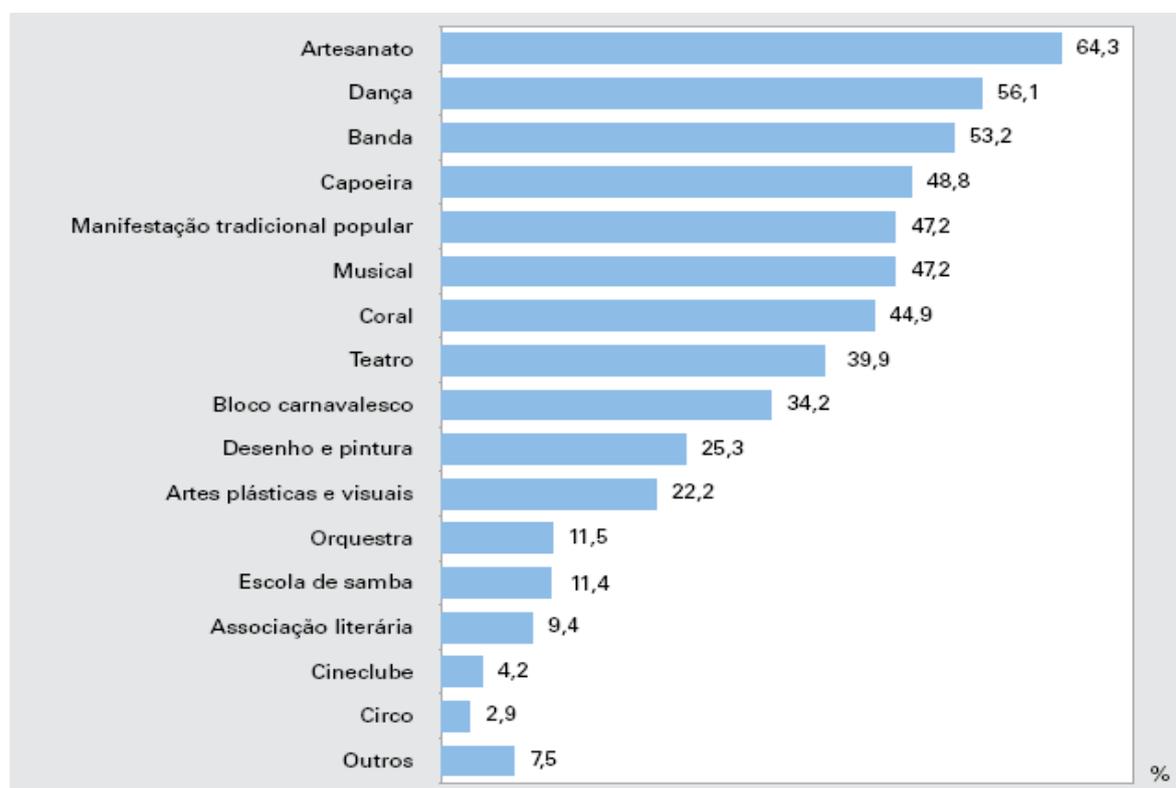
Roraima	15 457	1,2
Pará	25 230	2,0
Amapá	918	0,1
Tocantins	1 157	0,1

Fontes: Finanças do Brasil - FINBRA: dados contábeis dos municípios 2003. Brasília, DF; Ministério da Fazenda, Secretaria do Tesouro Nacional, v. 49, 2004. Disponível em: <http://www.tesouro.fazenda.gov.br/estados_municipios/financas/Finbras2003v95.exe>. Acesso em: out. 2006; IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Contas Nacionais, Estatísticas Econômicas das Administrações Públicas 2003.

2.2.3 Os grupos culturais

Dentre as atividades culturais foram identificados pelo IBGE os grupos artísticos que demonstram maior potencialidade aos fluxos culturais nas cidades, dentre as 16 atividades pesquisadas verifica-se que o artesanato ocupa o primeiro lugar com 64,3% ocupando o principal lugar em nossas manifestações culturais.

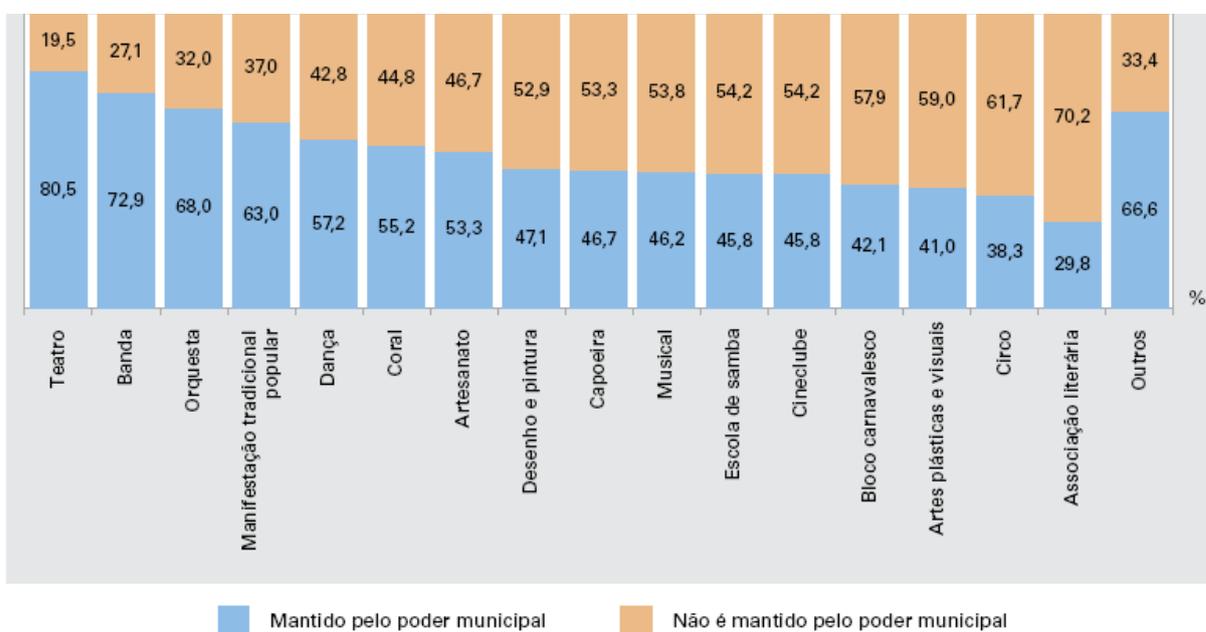
Gráfico 01 - Percentual de municípios com grupos artísticos, por tipo - Brasil - 2006



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2006. Suplemento da Cultura.

Sendo o poder público municipal o que mais investe em cultura e sendo os grupos artísticos os criadores culturais, pode-se analisar pelo gráfico abaixo quais os tipos de grupos recebem benefícios municipais para a sua manutenção. Observa-se no gráfico que os grupos que mais recebem investimentos são os relacionados ao teatro e os relativos às músicas e danças, porém, os grupos focos deste estudo, os de artesanato, ocupam o oitavo lugar quando se trata de investimentos.

Gráfico 02 - Percentual de municípios com grupos artísticos, segundo a manutenção pelo poder público municipal - Brasil - 2006



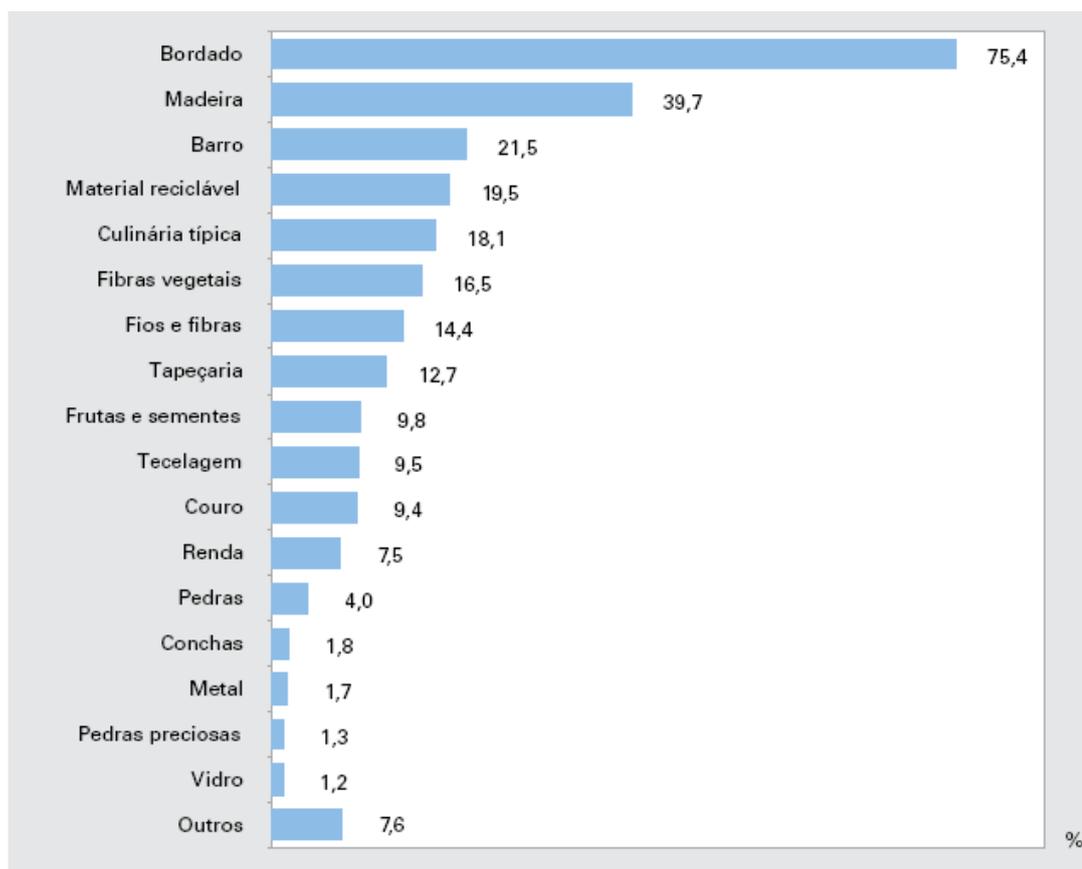
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2006. Suplemento da Cultura.

Apesar de ser uma atividade com ampla incidência nos municípios, o gráfico acima demonstra alguma independência dos grupos de artesanato em relação ao poder público.

2.3 ARTESÃOS E MERCADO

Como já demonstrado as atividades artesanais são as que mais estão presentes nos municípios, tendo no bordado, com 75%, a principal atividade artesanal, seguido pelo artesanato de madeira com 39,7%, como evidenciado no gráfico abaixo:

Gráfico 03 - Percentual de municípios com atividade artesanal, por tipo - Brasil - 2006



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2006. Suplemento da Cultura.

É o foco deste estudo os grupos de artesanato com madeira, assim faz-se necessário identificar as atividades desenvolvidas nos municípios de Rondônia que favorecem as práticas culturais com este produto. O que pode ser observado na tabela que demonstra as ações, escalonadas pelo tamanho da população, nos anos de 2005 e 2006 dos municípios que possuem política de cultura. Seguindo a estatística nacional, também na região norte observa-se que nos municípios com

população entre 20.001 a 50.000, há um maior número de ações do que em cidades mais populosas. Sendo as feiras e mostras artísticas e artesanato local as que mais sofreram ações do poder público municipal.

Tabela 07 - Municípios, total e com política municipal de cultura, por ações implementadas nos últimos 24 meses, segundo Grandes Regiões e classes de tamanho da população dos municípios - 2006								
Grandes Regiões e classes de tamanho da população dos municípios	Municípios Com política municipal de cultura Ações implementadas nos últimos 24 meses							
	Promoção de feiras e mostras a produção artística e artesanato local	Divulgação da produção cultural local	Promoção do uso comunitário dos espaços culturais	Manutenção de centros culturais comunitários voltados para a produção local	Orçamento participativo na cultura	Estímulo à apropriação e/ou utilização dos equipamentos culturais pelos grupos locais	Estímulo à criação de associações e entidades de artistas e produtores culturais locais	Realização de atividades culturais através de editais
Brasil	2.321	1.939	1.476	786	662	1.036	1.281	392
Até 5000	397	291	195	91	105	106	149	40
De 5001 a 10000	449	345	221	123	128	158	208	65
De 10001 a 20000	512	415	331	170	144	218	273	53
De 20001 a 50000	560	500	374	201	152	287	368	96
De 50001 a 100000	208	194	176	97	64	128	139	47
De 100001 a 500000	172	168	154	86	55	117	124	65
Mais de 500000	23	26	25	18	14	22	20	26
Norte	155	123	94	41	48	62	92	25
Até 5000	19	13	6	3	2	3	8	-
De 5001 a 10000	25	14	15	11	5	6	16	8
De 10001 a 20000	29	23	16	4	12	10	11	1
De 20001 a 50000	49	44	29	10	17	23	32	6
De 50001 a 100000	17	17	16	7	9	11	14	5
De 100001 a 500000	15	11	11	6	3	9	10	4

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2006. Suplemento da Cultura

Neste mesmo período e como o mesmo escalonamento das populações municipais, foi encontrado nas pesquisas do IBGE, na Região Norte com um total de 449 municípios, e destes, 162 com algum tipo de escola, oficina ou cursos regulares de formação em atividades culturais, sendo que 115 foram relativas à área de atuação do artesanato e das quais 79 foram mantidas pelo poder público municipal, evidenciando que há, mesmo que em pequena escala, certa preocupação com a capacitação dos artesãos. O que poderá influenciar nas formas de produção e comercialização dos que tiveram acesso as ações citadas.

Uma das formas de divulgação e comercialização dos produtos culturais são as feiras, no Brasil somando os anos de 2005 e 2006, temos 3.926 realizações, destas 324 aconteceram na Região Norte e, destas, 34 feiras culturais aconteceram em Rondônia e como consta na tabela abaixo, a predominância é por feiras de artes e artesanatos.

Tabela 08 - Municípios, total e com realização de feiras nos últimos 24 meses, mantidos pelo poder público municipal, por modalidade da feira, segundo Grandes Regiões e Unidades da Federação - 2006										
Grandes Regiões e Unidades da Federação	Municípios									
	Total	Com realização de feiras nos últimos 24 meses	Modalidade da Feira							
			Artes e artesanato		Livros		Agropecuária		Moda	
			Total	Algum mantido pelo poder público municipal	Total	Algum mantido pelo poder público municipal	Total	Algum mantido pelo poder público municipal	Total	Algum mantido pelo poder público municipal
Brasil	5564	3926	3096	2660	910	728	1570	1294	351	190
Norte	449	324	228	198	46	29	134	94	24	12
Rondônia	52	34	19	16	10	6	27	9	2	-
Acre	22	19	15	12	2	2	9	6	2	-
Amazonas	62	45	39	35	9	5	16	15	5	3
Roraima	15	9	4	3	-	-	4	4	1	-
Pará	143	107	68	60	16	9	42	32	10	4
Amapá	16	9	5	3	2	1	2	1	-	-
Tocantins	139	101	78	69	7	6	34	27	1	-

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2006. Suplemento da Cultura

Com toda esta tendência para o artesanato, comprovada pelas pesquisas do IBGE, há necessidade de se atentar para um mercado que contribui como forma de renda assalariada, com empresas cadastradas e significativa participação na sociedade. Nas pesquisas de 2003, havia no Brasil, conforme estatísticas do Cadastro Central de Empresas (CEMPRE), 269.074 empresas e com 1.007.158 assalariados na área cultural, o que demonstra o impacto social e econômico destas atividades.

Tabela 09 - Número de empresas, pessoal ocupado total e assalariado no Cadastro Central de Empresas e no setor cultural - Brasil - 2003			
Especificação	Número de empresas	Pessoal ocupado	
		Total	Assalariado
Cadastro Central de Empresas - CEMPRES	5 185 573	35 674 496	28 472 834

Setor cultural (AIC+ACC+ASC)	269 074	1 431 449	1 007 158
Participação do setor cultural no CEMPRE (%)	5,2	4,0	3,5
Atividades Industriais Culturais - AIC	39 645	326 726	263 823
Participação das Atividades Industriais Culturais - AIC no total do setor cultural (%)	14,7	22,8	26,2
Atividades Comerciais Culturais - ACC	71 253	211 066	114 208
Participação das Atividades Comerciais Culturais - ACC no total do setor cultural (%)	26,5	14,7	11,3
Atividades de Serviços Culturais - ASC	158 176	893 657	629 127
Participação das Atividades de Serviços Culturais - ASC no setor econômico (%)	58,8	62,4	62,5

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Cadastro Central de Empresas 2003.

Pode se considerar pela tabela acima, que as formas de produção artesanal são apontadas como um meio de participação produtiva no que diz respeito à geração de renda e ocupação. Marinho (2007, p. 6), relata sobre a importância em considerar o artesanato como atividade produtiva e a necessidade de melhorias de sua produção, oportunizando para o artesão as informações relativas ao mercado e economia concernentes ao seu meio produtivo, o que vai proporcionar o desenvolvimento de um artesanato com melhor qualidade e com certa singularidade, que como descreve Bauman (apud MARINHO, 2007, p. 6), o mercado, ansioso por novos produtos diferenciados, está disposto em aceitar produtos não exclusivos, desde que produzidos em pequena escala. Esta produção diferenciada, pode ser peças que retrate a diversidade cultural em que o artesão está inserido, traduzindo as características culturais de cada região.

Ao que se percebe, o setor artesanal demonstra ocupar grande importância social e econômica com bons resultados no mercado, e deve estar articulado com as novas perspectivas deste novo mercado globalizado em suas tendências e tecnologias. No Programa SEBRAE de Artesanato, em seu Termo de Referência (2004, p.14) evidencia o fato:

[...]produtos artesanais regionais evidenciando a identidade cultural local, podem e devem ser trabalhados para reforçar a sustentabilidade dos grupos de artesãos, criando novas

possibilidades de consolidação do artesanato enquanto setor econômico viável. Além disso, a necessidade de novas estratégias de negociação para os produtos artesanais amplia o horizonte de atuação e remete para a inclusão do artesanato nas pautas de discussão do Mercosul e da ALCA.

Um dos prováveis fatores que corroboram com o artesanato para conquistar mercado, se deve ao custo de sua produção artesanal, que se comparado com outras atividades produtivas, é relativamente baixo e tem na matéria-prima natural sua maior fonte. Ainda possui alto valor agregado ao considerar como forma de desenvolvimento e de identidade cultural de cada artesão. Nesta perspectiva assume lugar privilegiado nas mudanças necessárias de visão ao entendimento da dimensão cultural de nosso país.

Entre as fragilidades apresentadas na cadeia produtiva do artesanato, temos as apresentadas por Peralta (apud MARINHO, 2007), que as relaciona com os princípios da competitividade, onde se faz necessário espírito empreendedor para a produção, comercialização e mercado. Estas práticas empresariais não são comuns nas práticas culturais, até mesmo porque a cultura é entendida, por vezes, como modo de vida, hábitos e costumes de determinados grupos ou classes. Miranda Filho (2002?) começa seu texto justamente sobre essa relação, "A capacidade criativa no artesanato é muito maior que a vocação gerencial para empreendimentos, apesar de suas formas de negociação acontecerem de acordo com o interesse dos envolvidos." O que mais uma vez demonstra a preocupação quanto a manutenção do produtor artesão e o reconhecimento da necessidade de capacitá-los nos aspectos comerciais.

A partir dos anos 90 começa uma forte participação do SEBRAE no mercado artesanal, com a implantação do "Programa Sebrae de Artesanato", que no período de 1999 a 2004 realizou a capacitação de 90.000 artesãos em todo o território nacional, por acreditar ser uma das formas de produção e mercado que

merecem uma forma de atuação específica da entidade, sem no entanto deixar o foco principal da mesma, como encontramos na obra do SEBRAE (2004, p.13):

A missão do Sebrae de "promover a competitividade e o desenvolvimento sustentável das micro e pequenas empresas" e sua nova perspectiva estratégica definem ao mesmo tempo os limites e amplitude da sua atuação no setor artesanal, pois, entre as cadeias produtivas vocacionadas do Brasil, o artesanato tem elevado potencial de ocupação e geração de renda em todos os Estados, posicionando-se como um dos eixos estratégicos de valorização e desenvolvimento dos territórios.

Esta intervenção do SEBRAE serviu para diagnosticar as atividades regionais e as necessidades locais, propiciando estabelecer níveis de demanda dos produtos artesanais bem como identificar, quantificar e qualificar a oferta, e favorecer ao artesão formas de se encontrar dentro das organizações comerciais.

CAPITULO III

CULTURA E ESTADO

Todos os indivíduos, que vivem em sociedade organizada, seguem parâmetros e normas estabelecidas pela sociedade e pelo o Estado, que nos diz o que é aceito e apropriado, porém cada um de nós reage de uma determinada forma e com determinado grau de influência. Para Max Weber, que é considerado um dos pais da sociologia, o Estado é a entidade criada para impor ordem na sociedade e, para tanto, é a única organização com o direito de uso da força física para impor sua vontade. E dessa forma o Estado também é responsável pela aplicação da justiça.

O conceito de territorialidade da ação política em determinada área geográfica, assume que há indivíduos que estão inclusos na jurisdição de determinado Estado e dessa forma, surge o sentimento de pertencer a determinado espaço físico, com traços históricos e identidades culturais comuns aos indivíduos. Esse sentimento leva a idéia de cidadania, de ter direito a usufruir das condições oferecidas pelo Estado, mas Hall (2005, p.9) ao falar da construção de uma identidade cultural faz referência à "crise de identidade" pouco estudada em tempos contemporâneos:

Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios com sujeitos integrados. [...]. Esse duplo deslocamento - descontração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo.

No Brasil há diversos problemas que dizem respeito à interface entre Estado, sociedade e governo. Entre eles temos a questão da inclusão social, política e civil de grupos marginalizados. A sociedade civil deve se organizar para

manifestar suas demandas, posteriormente o governo deve ouvir, analisar e responder a essas demandas usando a máquina do Estado para garantir direitos iguais. Se não houver essa interação contínua, prevalecerá a exclusão que só é interrompida quando Estado, governo e sociedade civil interagem e cooperam para buscar soluções coletivas. Atualmente a cultura na atual sociedade caracterizada por uma abordagem globalizada, já é vista como recurso:

[...] a cultura está sendo crescentemente dirigida como um recurso para a melhoria sociopolítica e econômica, ou seja, para aumentar sua participação nesses processos de desenvolvimento político decadente, de conflitos acerca da cidadania. (YÚDICE, 2006, p.25)

Mas essa visão de recurso já era aceita desde a antiguidade:

Por volta do ano 74 a.C, Caio Clínio Mecenas, ministro do Império Romano, é responsável por um trabalho de convencimento que fez junto ao imperador Augusto César no sentido deste proteger grandes artistas como Horácio, autor das Odes, Virgílio, criador de Eneida, além de levá-lo a apoiar a arquitetura clássica romana, que sofria grande influência da arquitetura grega. (ESTEVAM, 2001, f. 14)

Também ainda é possível perceber essa relação no século XVIII, onde a esfera pública emerge e passa a exercer o controle social (YÚDICE, 2006, p. 25). Do ponto de vista de Brant (2004, p. 39), só faz sentido encarar como produto as manifestações culturais quando, dentro da complexidade que envolve o assunto, mantêm-se o foco no potencial econômico, e ele ainda completa que “[...] a arte não tem que passar por um processo de sustentação sociológica. A arte se encerra em si como função social.” Provavelmente foram essas formas de perceber a cultura e o mercado que ela possui, bem como a valorização de seus atores como indivíduos atuantes socialmente, que fez com que surgissem ações por parte do Estado e dos governos.

3.1 UM SISTEMA DE CULTURA

A Conferência Geral da UNESCO realizada em 02 de novembro de 2001 produziu um documento intitulado *Declaração Universal da UNESCO sobre diversidade cultural* que consolida o papel transformador da cultura na sociedade, contemplando um entendimento mais amplo sobre os conceitos inerentes a cultura e sua relevância para o desenvolvimento humano. Em 2004 no Relatório do Desenvolvimento Humano a UNESCO fala da possibilidade da coexistência entre unidade e diversidade cultural, desde que os países assumissem verdadeiramente o papel de protetores das culturas nacionais.

No Brasil, apesar da existência de alguns programas e projetos relacionados à cultura, algumas iniciativas marcantes se fizeram presentes desde 2005, quando MinC propôs a criação do Sistema Federal de Cultura e do Sistema Nacional de Cultura (SNC), que foi pensado de forma a criar distintas instâncias decisórias que se complementam na formulação de um plano nacional de cultura. Participam na formulação do SNC a sociedade, os municípios, os estados e o próprio governo federal. A sociedade discutiu as prioridades necessárias para o desenvolvimento da cultura, possibilitando assim participação popular direta na formulação de diretrizes em todo o processo decisório de ações que viriam a compor as políticas públicas setoriais. O sistema possibilita aos municípios iniciativas de forma descentralizada onde a produção cultural conta com o apoio dos movimentos sociais, esta forma de participação popular no processo decisório é um mecanismo de inclusão social proporcionado pelo SNC.

Sendo que os municípios são os articuladores e executores da política cultural local e é lá, nos municípios, que o desenvolvimento de idéias surge e são neles que as políticas adotadas são colocadas em prática, assim são os Conselhos Municipais de Cultura que funcionam como elo com o SNC, dessa forma o governo

federal deixa de impor uma política cultural e passa a ser uma forma de canal de comunicação das diversas experiências de sucesso dos governos municipais e estaduais. Conforme está resumido no sítio do Ministério da Cultura, o objetivo central do SNC é:

Implementar uma política pública de cultura democrática e permanente, pactuada entre os entes da federação, e com a participação da sociedade civil, de modo a estabelecer e efetivar o Plano Nacional de Cultura, promovendo desenvolvimento com pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional.

O Plano Nacional de Cultura (PNC) é um produto base do SNC que estabelece as diretrizes básicas para a cultura e um plano de execução dessas diretrizes. O PNC possui 30 propostas prioritárias que proporcionam ações onde aprender sobre nossa herança cultural é uma forma de investir na criatividade e força produtiva.

3.2 POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS

As políticas culturais tornam-se instrumentos de inclusão social pela característica de oportunizar o acesso da sociedade aos mecanismos de mobilidade social e valorização dos indivíduos ou grupos de indivíduos que ficavam a margem da sociedade brasileira, promovendo o desenvolvimento de suas representações simbólicas.

O papel do Estado em relação à cultura já vem sendo discutido faz algum tempo. Em 1969 a UNESCO já dava uma noção do que viria a ser as políticas culturais no âmbito das políticas públicas e assim alguns importantes passos nesse sentido foram dados com a Conferência Mundial sobre Políticas Públicas em 1982 no México; a Década da Cultura e Desenvolvimento instituída pela ONU

de 1988 a 1997 e ainda a Conferência em Estocolmo sobre Políticas Culturais para o Desenvolvimento de 1998. É verdade que no princípio a política cultural estava mais voltada para a promoção das "artes eruditas" e da "herança cultural", mas atualmente a liberdade cultural fortalece o respeito por sua diversidade.

A idéia que tudo que é bom vem de países desenvolvidos é uma das heranças que os colonizadores portugueses deixaram e esse pensamento perdurou até meados século XIX, esse pensamento só começou a mudar com a inauguração de teatros nos principais centros do Brasil e no século seguinte a implantação de museus e nossa "descoberta" regional com os irmãos Villas-Boas e Marchal Rondon que vinham na contra-mão das nossas aspirações ao modo de vida europeu e americano que na mesma época eram difundidos pelos cinemas e rádios. E como se não bastasse, houve a ditadura militar que intefериu em nossa identidade cultural, com exacerbado nacionalismo de censura (REIS, 2007, p. 155). Somente nas últimas décadas ficou óbvia a importância de reconhecer e reforçar a identidade cultural do país.

A Constituição Brasileira, no seu Título III, que trata da Organização do Estado, no seu Capítulo II "Da União", apresenta no seu artigo 23 as seguintes formulações da lei, entre outras, que dizem respeito diretamente à área da cultura:

Art. 23. É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios:

I - zelar pela guarda da Constituição, das leis e das instituições democráticas e conservar o patrimônio público;

[...]

III - proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos;

IV - impedir a evasão, a destruição e a descaracterização de obras de arte e de outros bens de valor histórico, artístico ou cultural;

V - proporcionar os meios de acesso à cultura, à educação e à ciência;

Parágrafo único. Lei complementar fixará normas para a cooperação entre a União e os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, tendo em vista o equilíbrio do desenvolvimento e do bem-estar em âmbito nacional.

Mas no artigo 24, temos uma clara visão das competências da Legislação em relação às áreas de atuação do Estado da União, das quais pode se observar aquelas que refletem diretamente às ações culturais do Estado.

Art. 24. Compete, entre outros, à União, aos Estados e ao Distrito Federal legislar sobre:

[...]

VII - proteção ao patrimônio histórico, cultural, artístico, turístico e paisagístico;

VIII - responsabilidade por dano ao meio ambiente, ao consumidor, a bens e direitos de valor artístico, estético, histórico, turístico e paisagístico;

[...]

IX - educação, cultura, ensino e desporto;

Portanto, a legislação específica destinada a cultura se apresenta detalhada no Título VIII "Da Ordem Social", no seu Capítulo III, "Da Educação, da Cultura e do Desporto". Conforme, na Seção II, a qual trata "Da Cultura", os seus artigos 215 e 216 e os seus respectivos parágrafos, nos dá uma visão clara das obrigações do estado em relação à cultura:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará

e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1o O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

§ 2o A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza materiais e imateriais, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1o O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2o Cabem à Administração Pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3o A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4o Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5o Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.

§ 6º É facultado aos Estados e ao Distrito Federal vincular a fundo estadual de fomento à cultura até cinco décimos por cento de sua receita tributária líquida, para o financiamento de programas e projetos culturais, vedada a aplicação desses recursos no pagamento de (incluído pela Emenda Constitucional n. 42, de 19 de dezembro de 2003):

I - despesas com pessoal e encargos sociais (incluído pela Emenda Constitucional n. 42, de 19 de dezembro de 2003);

II - serviço da dívida (incluído pela Emenda Constitucional n. 42, de 19 de dezembro de 2003);

III - qualquer outra despesa corrente não vinculada diretamente aos investimentos ou ações apoiados (incluído pela Emenda Constitucional n. 42, de 19 de dezembro de 2003).

Os artigos 215 e 216 deixam clara a competência do Estado na condução e regimentação das obrigações em relação à cultura. Contudo, podemos ainda observar no artigo 14, onde trata das competências de cada ministério, e no inciso IV, que trata do Ministério da Cultura:

Art. 14. Os assuntos que constituem área de competência de cada Ministério são os seguintes:

[...]

IV - Ministério da Cultura:

a) política nacional de cultura;

b) proteção do patrimônio histórico e cultural;

c) aprovar a delimitação das terras dos remanescentes das comunidades dos quilombos, bem como determinar as suas demarcações, que serão homologadas mediante decreto.

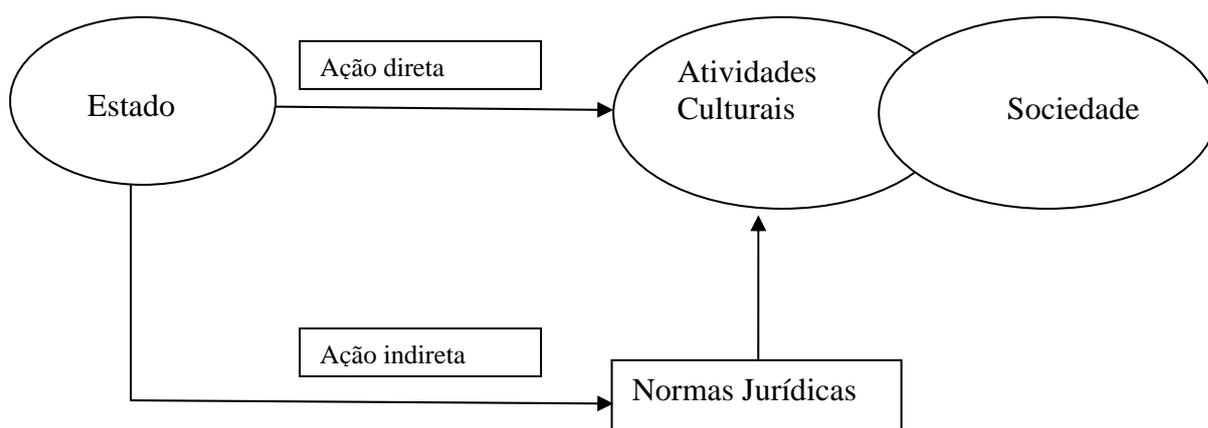
O Ministério da Cultura no Brasil foi pensado como uma estrutura para atender as diversidades culturais brasileiras, mas por muito tempo foi apenas um balcão de atendimento a classe artística para financiamentos através de Leis de incentivos e programas de financiamentos. Hoje, percebe-se certa preocupação

em entender os financiamentos não como política, mas como suas ferramentas para a preservação de nossa identidade multicultural.

Segundo Reis (2007, p.171) é o envolvimento dos setores governamentais, privado e sociedade civil que garantem uma política pública voltada ao desenvolvimento, sendo o conjunto de ferramentas: deduções, isenções, impostos especiais, incentivos por leis, direitos autorais e outros, capaz de atender as diversas necessidades do setor.

Contudo Zenone (2006, p. 90) "As políticas culturais podem ser entendidas como programas de intervenções realizados pelo Estado com o objetivo de satisfazer as necessidades culturais da sociedade". Ele ainda nos apresenta uma estrutura de como se trata das possibilidades de desenvolvimento de uma política cultural, onde diz que o Estado pode atuar de duas formas: a primeira, através de normas jurídicas que regem as relações entre os diversos sujeitos e objetos culturais; a segunda, por meio de intervenção direta de ação cultural.

Figura 01: Formas de participação do Estado nas atividades culturais



Fonte: Zenone, 2006

Desta forma percebe-se que o Estado cria formas de atuação que resulte em benefícios diretos a sociedade. Quanto à forma de acesso a estes benefícios dependerá de ações locais e mobilização dos grupos interessados.

CAPITULO IV

ARTE E ARTESANATO

Antes de discorrer sobre arte e artesanato, faz-se necessário compreender o termo "cultura" no qual eles estão inseridos. Reis (2007) apresenta um conceito de cultura do ponto de vista etimológico, onde o conceito de cultura deriva do cultivo da terra, mas ultrapassa os conceitos clássicos de alguns autores:

Depois do cultivo da terra, o conceito cultura transposto ao cultivo da mente, traz em si a idéia de que uma pessoa se prepara, absorve conhecimentos e dá as condições para a sua maturação colhe bons frutos intelectuais, tornando-se uma pessoa "cult". Em uma abordagem antropológica, cultura engloba conhecimentos, crenças, línguas, artes, leis, valores morais, costumes, atitudes e visões de mundo. Essa chamada Cultura com "c" maiúsculo, o amálgama e o diapasão da sociedade. Em um sentido mais estreito (cultura com "c" minúsculo), refere-se aos produtos, serviços, e manifestações culturais, ou seja, que propõem uma expressão simbólica da Cultura no sentido amplo. É essa cultura, que ao integrar a arena econômica adquire valor dual - simbólico e econômico (REIS, 2007, p. 3).

Na obra de Zenone há uma colocação social do conceito:

A cultura é o elemento que garante a uma sociedade o direito à celebração de sua identidade, bem como à manifestação de sua sensibilidade e emoção, desenvolvendo o espírito crítico, a imaginação e o sentido de coletividade num processo de conscientização, sociabilização e transformação social (ZENONE, 2006, p. 80)

Há na sociedade uma diferenciação entre cultura culta e cultura popular, entre arte e artesanato. Mas todas possuem características em comuns, como escreve Marinho (s.d) em artigo relativo ao assunto:

[...] pode-se dizer que o artesanato tem suas raízes na arte primitiva, comungando das mesmas fontes de inspiração, embora se diferencie desta pela possibilidade de replicação e reprodução de objetos, monumentos, marcos e resquícios da história, em pequena escala. A arte, por sua vez, cria peças únicas e exclusivas, influenciadas pelas condições culturais. (MARINHO, s.d.)

Neste trabalho foi utilizado o conceito proposto em 1996 pelo Conselho Mundial de Artesanato, na cidade de Bogotá, na Colômbia:

Artesanato é toda atividade produtiva que resulte em objetos e artefatos acabados confeccionados manualmente ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade (SEBRAE, 2004, p.21).

O vocábulo "artesanato" reafirma sua complexidade, ao consultar o "Dicionário Aurélio Eletrônico" apresenta as possibilidades do termo:

Artesanato: 1.A técnica, o tirocínio ou a arte do artesão: 2.O conjunto ou a classe dos artesãos.3.O produto do trabalho do artesão (2); objeto, ou conjunto de objetos feitos artesanalmente. 4.Local onde se pratica ou ensina o artesanato (1):

Ainda há diferenciação entre as formas encontradas do artesanato em situação "rural" e "urbano", onde na maioria das vezes o primeiro é para uso próprio ou familiar, geralmente são peças a serem utilizadas para os afazeres domésticos. O segundo tem uma intenção mercadológica, onde o produto que será vendido, e por esse motivo a produção é em pequena escala. Essa é a grande diferenciação exposta pelos autores entre arte e artesanato, o primeiro produz peças únicas e não há uma preocupação estética ou de utilidade, pois a criatividade para eles é ilimitada, no segundo há produção de peças semelhantes, porém diferentes em pequenos detalhes, o que não ocorre nas produções industriais.

Apesar de geralmente ser um trabalho individual, que conta com habilidades e técnicas difundidas quase sempre no seio familiar através de gerações, hoje percebe-se a necessidade do envolvimento de outros indivíduos

que participam na busca da matéria-prima ou nas formas de comercialização dos produtos

4.1 CATEGORIAS e tipologias DO ARTESANATO

Foram utilizados os conceitos propostos pelo Termo de Referência do Artesanato, formulado em 2004 pelo SEBRAE Nacional, que foi produzido após cinco anos de implantação do Programa SEBRAE de Artesanato. A opção pelo uso desses conceitos e tipologias ocorreu por também serem empregadas em várias instituições de fomento. Assim temos as seguintes categorias:

Arte popular

Conjunto de atividades poéticas, musicais, plásticas e expressivas que configuram o modo de ser e de viver do povo de um lugar.

Artesanato

A partir do conceito proposto pelo Conselho Mundial do Artesanato, define-se como artesanato toda atividade produtiva que resulte em objetos e artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade.

Trabalhos manuais

Os trabalhos manuais exigem destreza e habilidade, porém utilizam moldes e padrões prédefinidos, resultando em produtos de estética pouco elaborada. Não são resultantes de processo criativo efetivo. É, na maioria das vezes, uma ocupação secundária que utiliza o tempo disponível das tarefas domésticas ou um passatempo. (SEBRAE, 2004, p.21)

Podem-se traduzir essas categorias com as seguintes características:

Tabela 10 - Arte popular; Artesanato e Trabalhos Manuais

ARTE POPULAR	ARTESANATO	TRABALHOS MANUAIS
Produção de peças únicas	Produção de pequenas séries com regularidade	Produção assistemática
Arquétipo	Produtos semelhantes, porém diferenciados entre si	Reprodução ou cópia
Compromisso consigo mesmo	Compromisso com o mercado	Ocupação secundária
Fruto da criação individual	Fruto da necessidade	Fruto da destre

Fonte: SEBRAE Nacional, 2004

A categoria artesanato, pelos conceitos e características expostos, conduziu esta pesquisa que trata o artesanato como atividade produtiva de pequena escala e é fruto da necessidade de formação de renda dos artesãos.

Quanto à tipologia do artesanato, ela dependerá da matéria-prima utilizada pelo artesão, bem como o uso de ferramentas e técnicas. Na *Matriz Conceitual do Programa Sebrae de Artesanato* há um cruzamento entre as categorias artesanais, suas origens, usos e tipologias, o que poderá dar mais clareza aos aspectos necessários a este estudo.

Tabela 11 - Matriz Conceitual SEBRAE (adaptada pela autora)

CATEGORIAS		Índigena	Tradicional	Referência Cultural	Conceitual
ORIGEM	<i>Quem faz?</i>	Índio	Artesão	Artesão	Artesão
	<i>De onde veio?</i>	Das tradições da nação indígena	Técnicas transmitidas de geração a geração, geralmente dentro de uma mesma família	Releitura de elementos da cultura tradicional, desenvolve novos produtos.	De origem urbana, onde a inovação é o elemento principal
	<i>Como é feito?</i>	Produção coletiva de série de objetos	Produção em pequena escala de séries de objetos, individual ou coletivamente	Produção de coleções temáticas em núcleos de produção	Produção de objetos conceituais com enfoque cultural e/ou ecológico, com predominância do trabalho individual
USO	<i>Para qual uso?</i>	Adornos e acessórios Decorativo Educativo	Adornos e acessórios Decorativo	Adornos e acessórios Decorativo	Adornos e acessórios Decorativo

		Lúdico Religioso Utilitário	Educativo Lúdico Religioso Utilitário	Educativo Lúdico Religioso Utilitário	Educativo Lúdico Religioso Utilitário
TIPOLOGIA					
Matéria-prima natural	<i>Vegetal</i>	Fibras Madeira Sementes, cascas Látex Pigmentos/corantes Resina Fios	Fibras Madeira Sementes, cascas Látex Resina	Fibras Madeira Sementes, cascas Látex Resina	Fibras Madeira Sementes, cascas Látex Resina

Fonte: Programa Sebrae de Artesanato (SEBRAE, 2004)

4.2 EXTRAÇÕES, DESPERDÍCIOS E RESÍDUOS

As florestas tropicais representam um potencial enorme para o suprimento de matéria-prima para quaisquer indústrias florestais, pode-se perceber esse potencial ao analisar a extensão da Amazônia Legal, que segundo Lima (2005, p.125) oferece grande contribuição a reserva mundial

A Amazônia brasileira legal cobre uma área de, aproximadamente, 5 milhões km² correspondendo a 2/3 do território nacional. Desse total, mais de 375 milhões hectares são classificados como florestas tropicais densas; descontando os desmatamentos para as mais variadas formas de usos do solo, a área remanescente de floresta primária é de 250 milhões hectares. O estoque de madeira em pé na Amazônia brasileira contribui com mais de 30% da reserva mundial de madeira dura tropical.

A Amazônia Legal é a terceira maior produtora de madeira tropical do mundo, produz cerca de 30 milhões de metros cúbicos em toras por ano. O principal produtor é o Pará, com 45% do total produzido, em seguida, está o Mato Grosso com 33% da produção, enquanto Rondônia ocupa o terceiro lugar, com 15%.

Com toda essa produção torna-se comum falar de extração e consumo de madeiras, assunto encontrado não só em várias literaturas, mas também é assunto estudado em escolas e comentado pela imprensa e sociedade, o IBAMA divulgou que em 2004 houve 24,5 milhões de m³ de consumo de madeira em toras que é beneficiada. É deste manuseio que surgem o maior volume de resíduos, segundo Sales-Campos (2000, p.320) o aproveitamento de resíduos é um fator a ser considerado quando se trata de extração de madeiras, algo que nos países em desenvolvimento não parece ser fator de interesse econômico. E a autora ainda continua:

Nas indústrias madeireiras há um desperdício muito grande de matéria-prima, pois, além das perdas provocadas pelos organismos xilófagos, também ocorrem perdas por desgaste mecânico, rachaduras, costaneiras, aparas, rolos-resto, etc. As perdas, nestes casos, variam de 15% a 50% do volume da tora, [...] (SALES-CAMPOS, 2000, p.327)

Não há uma preocupação, por parte das indústrias, na forma de se "livrarem" dos resíduos gerados durante a produção:

Algumas indústrias moveleiras enviam seus resíduos para serem queimados em caldeiras de geração de vapor e energia; outras os acumulam como entulhos, até que sejam descartados, geralmente em áreas inadequadas, próximo a nascentes e cursos d'água, provocando poluição e sérios problemas ambientais, pois os painéis de madeira utilizam resinas sintéticas (ABREU, 2006, p.1).

Portanto a gestão de resíduos, como considera a autora Uliana (2005, p.86) é parte fundamental para o sucesso da gestão ambiental:

A gestão de resíduos é parte, e uma das mais importantes, da gestão ambiental e consiste na atividade de elaborar políticas e planos integrados com objetivo de prevenir a geração, obter o máximo de aproveitamento e reciclagem de materiais, reduzir ao máximo o volume e/ou periculosidade dos resíduos gerados e definir as melhores soluções para tratamento e disposição.

E ainda mais adiante a autora continua: "A indústria moveleira, assim como boa parte da indústria de base florestal nacional, ainda não incorporou a gestão ambiental e a gestão de resíduos na sua administração." Essa situação de geração de resíduos também é relatada por Freitas (2000, p.56-57) em relação às indústrias de beneficiamento de madeira

Ao longo do processo de exploração da madeira, a indústria de beneficiamento desperdiça em várias etapas. Ao cortar a árvore na mata, raramente se executa o corte rente ao chão. O operador da moto-serra corta a árvore de duas formas: a mais comum é feita em uma posição que ele fique confortável, que não esforce sua coluna (no caso, em pé) e que fuja dos cupinzeiros. No caso de uma árvore com muitas raízes altas (catanas) se executa o corte mais alto.

Neste processo se perde uma quantidade de metros cúbicos já no toco. No repique do tronco da árvore, os galhos com um raio inferior a 20 cm são abandonados na mata e condenados a apodrecerem (a ramagem da árvore não é contada neste trabalho).

Já na indústria de beneficiamento de madeira a perda é maior. Perde-se a casca, o "brancal" (parte situada após a casca que na maioria das espécies é uma madeira mole) e o miolo da tora (parte central da tora, que varia de 10 cm à 35 cm), que é rachado, oco ou mole demais.

Além destas perdas pode-se ainda acrescentar o pó da serragem que na maioria das madeiras são queimados ou abandonados para que apodreçam.

Quanto às serrarias em Rondônia o autor relata que em 1987 haviam 1.182 credenciadas e em 1999 eram 866 credenciadas, esses dados são do IBAMA que não há como quantificar as serrarias clandestinas (FREITAS, 2000, p. 59). O autor ainda afirma o descontrole no que se refere à exploração da madeira e conseqüentemente quanto ao controle do desperdício desta atividade:

A exploração da madeira é feita de qualquer forma, sem controle por parte dos órgãos governamentais, que sem equipamentos ficam de "mãos atadas". Fiscalizam somente as áreas próximas às cidades. Não se sabe corretamente qual foi e qual é o desperdício

de madeira deste período até hoje. Sabe-se que o desperdício é imenso e não se pode quantificá-lo, hoje em dia, pois não existem documentos para realizar um estudo deste porte em toda a Amazônia (FREITAS, 2000, p. 59).



Fotos 01 e 02: Imagem do desperdício de resíduos em empresas de beneficiamento de madeiras na cidade de Ariquemes. Fotos: PERES, M.R. 2008



As indústrias de beneficiamento em Rondônia geram desperdícios que são visíveis desde a coleta:

O desperdício de madeira causado pelo sistema industrial vigente em Rondônia baseado nos dados coletados em uma única empresa deste setor, demonstra o quanto se aproveita e o quanto se perde no beneficiamento de madeira. O caminho do desperdício segue desde a floresta até a etapa final. Perdem-se muitos galhos grossos que poderiam ser aproveitados, mas por uma série de fatores (tortos, rachados ou finos para os padrões da empresa) são abandonados (FREITAS, 2000, p. 72).

Todo esse desperdício quantificado, sem mencionarmos as empresas ilegais, poderia ser minimizado com melhores práticas e ações do Estado que deveriam ir além de Leis e instituições de vigilância, mas com ações de conscientização e programas de manejo florestal que proporcionem melhores práticas extrativistas.

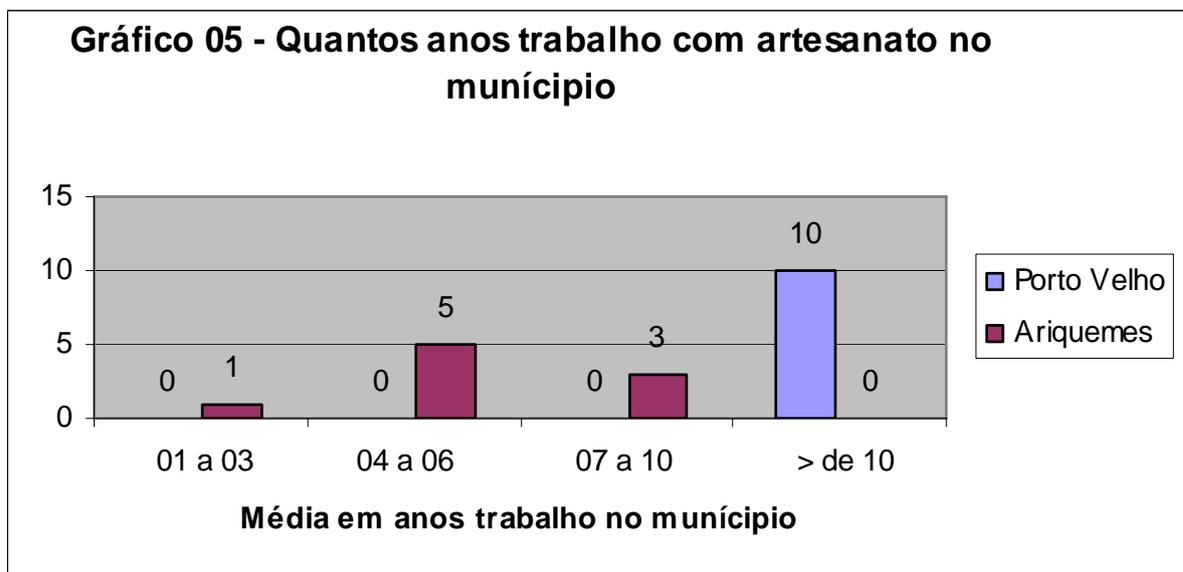
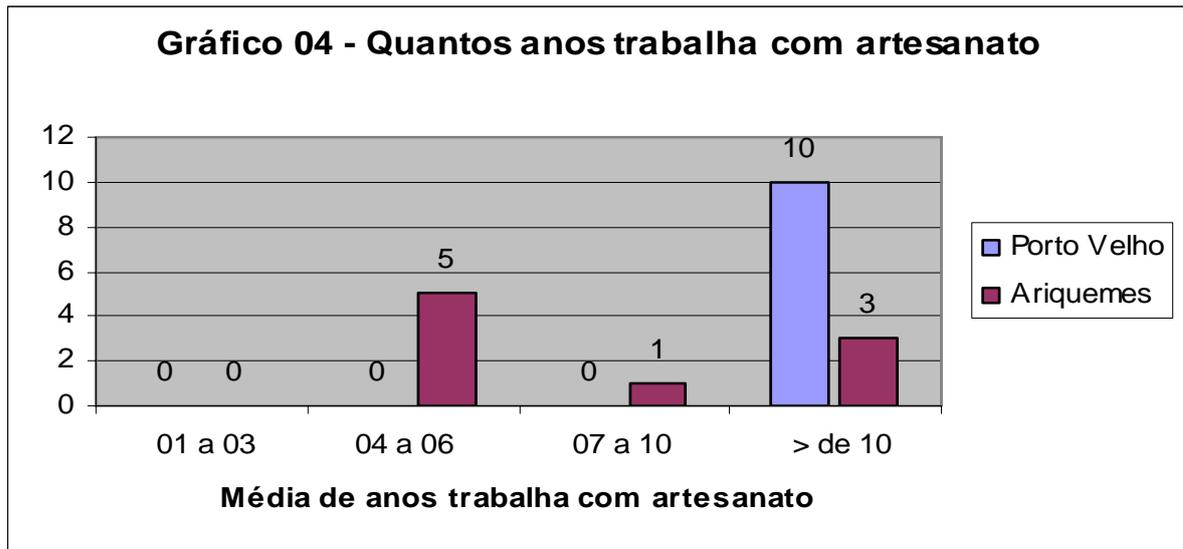
4.3 O ARTESANATO COM MADEIRA

Conforme divulgado pelo IBGE, a atividade de artesanato com uso de madeira é a segunda maior atividade artesanal encontrada em 2006 na Pesquisa de Informações Básicas Municipais, é comuns que os artesãos utilizem matérias primas encontradas em sua região. Primeiro é necessário entender as características de produção e produto artesanal:

Artesanato é a excelência do trabalho, da habilitação do homem, isto é, do trabalho manual competindo com a possibilidade de ser consumo qualificado e confrontado com o produto industrial. A qualidade artesanal, embora comporte certas irregularidades do padrão de fabrico, tem, nesse aspecto, uma situação que não é de desvantagem; é até favorecedora da quebra da unidade de padrão que, no processo industrial, se torna excessivamente monótona (ABREU, 2006, p.2).

No Brasil, como há uma grande variedade de madeiras e o estado de Rondônia ocupando o terceiro lugar em extração de madeira tropical, seria natural o uso desta matéria-prima na produção do artesanato local. Porém, ao consultar o cadastro do SEBRAE - RO e do CETENE, percebeu-se um pequeno grupo de indivíduos envolvidos na atividade artesanal com madeira, sendo como matéria-prima principal ou secundária.

Na pesquisa foi identificado pelo catálogo do CETENE e listagem do SEBRAE-RO um total de 25 artesãos em Ariquemes e 60 artesãos em Porto Velho, sendo que desses temos um total de 19 trabalhando com madeira, sendo 09 em Ariquemes e 10 em Porto Velho. No gráfico em seguida é possível verificar os anos de trabalho no segmento e quantos nas cidades pesquisadas.



Como é possível verificar, os atores de Porto Velho exercem a mais tempo a profissão de artesão e estão a mais tempo exercendo a atividade na cidade em

que moram, em Ariquemes há uma concentração na média de 04 a 05 anos de atividade na cidade.

O trabalho com artesanato apresenta uma média acima de 05 anos de trabalho na atividade, tendo assim continuidade na produção. Mesmo com um número reduzido de artesãos nas cidades que compõem esse estudo, há uma variedade considerada na produção de objetos utilitários e decorativos.

Nas fotografias a seguir é possível ter uma pequena noção desta produção, que abrange brinquedos, utensílios domésticos e peças de decoração, outras fotografias estão em anexo:

Foto 03: Brinquedo,
fonte: SEBRAE, 2004



Foto 04: Utensílios domésticos



Foto 05: Fruteira para decoração



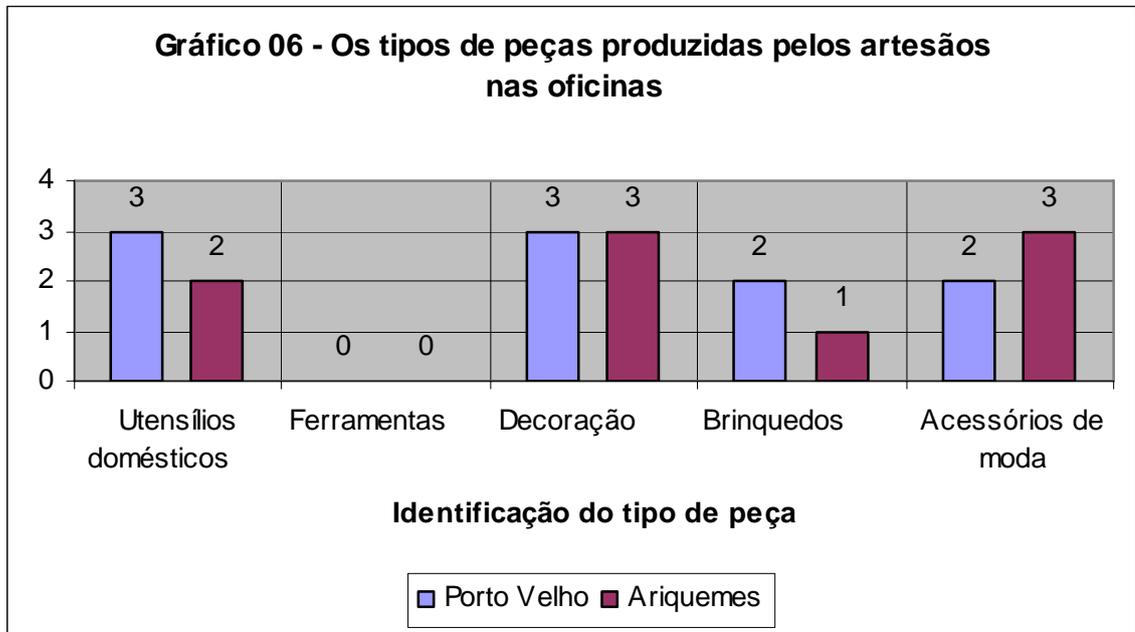
Foto 06: Relógio de parede, peça decorativa



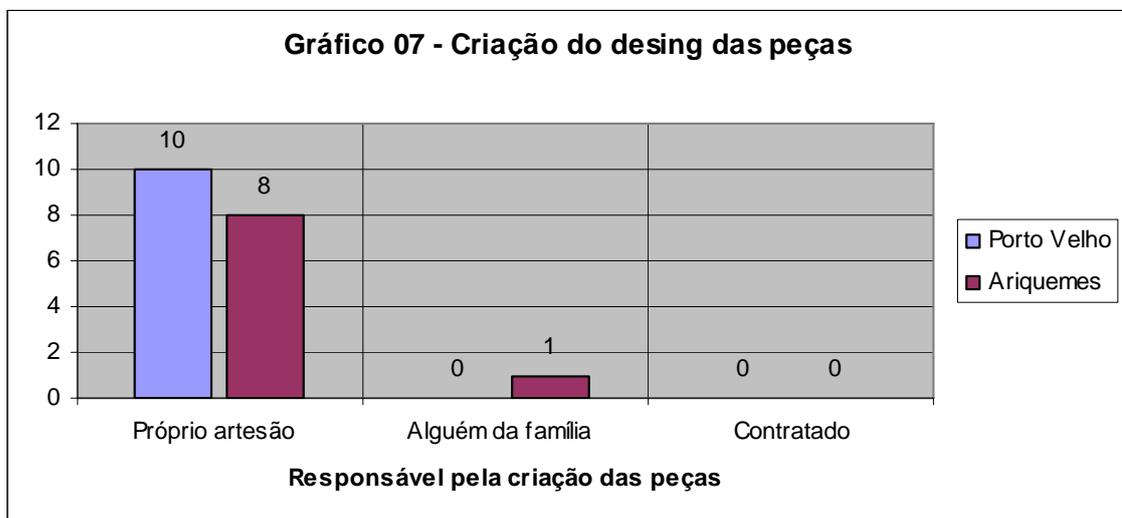
Foto 07: Vaso para decoração

Fotos de 04 a 07: Autora: PERES, M. R.. 2008.

Os tipos de peças produzidas pelos indivíduos pesquisados foram distribuídos entre: Utensílios domésticos; Ferramentas; Decoração; Brinquedos e Acessórios de moda, conforme se pode constatar no gráfico a seguir:



Porto Velho apresenta uma tendência para a produção de utensílios e peças decorativas, e Ariquemes apresenta maior produção para peças decorativas e acessórios de modas, sendo essas peças muitas vezes combinadas com outro material no caso das biojóias, por exemplo, ou complementando peças, como é o caso de botões de madeira encontrado em roupas.



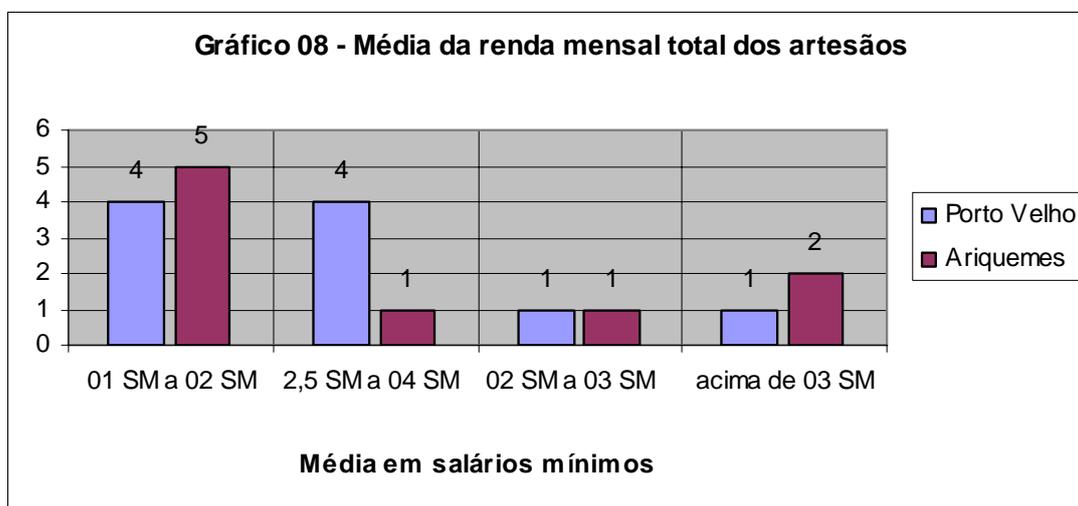
Conforme o gráfico 07, a criatividade para a produção das peças conta quase sempre apenas com as habilidades do artesão, que praticamente não sofre influência externa, pois como encontrado na pesquisa são os artesão de Porto Velho que criam suas peças e em Ariquemes existe a contribuição da família em 01 dos casos.

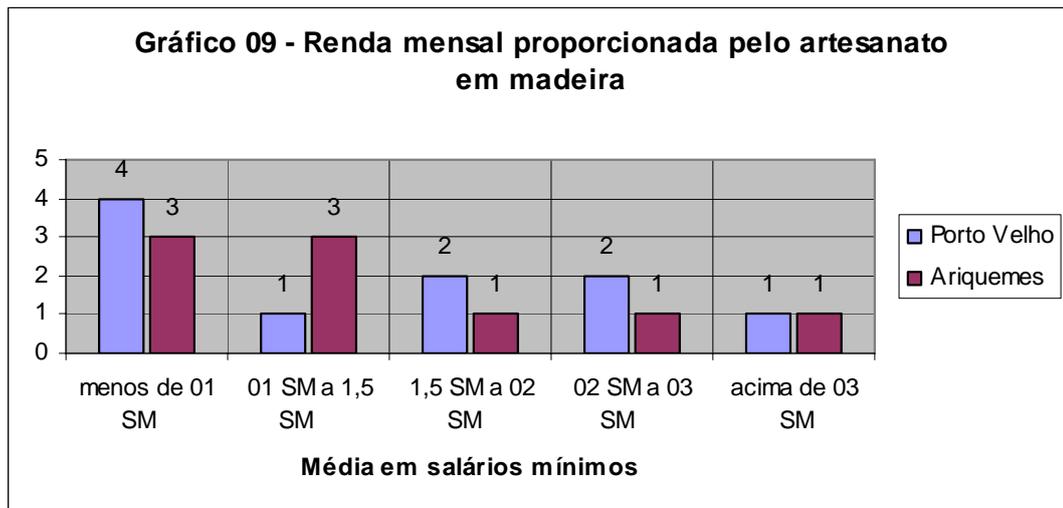
4.3.1 Os artesãos: produção e oficinas

Conhecer as formas da produção do artesanato de madeira é fator fundamental para posteriormente analisar suas tendências, se antes era entendido apenas como forma de expressão cultural, hoje é a possibilidade de integração social:

O artesanato possibilita ao artesão melhores condições de vida, atuando contra o desemprego e a favor do equilíbrio social. Dentro de cada lar, proporciona uma participação ativa de familiares, formando núcleos de aprendizagem profissional. O artesanato é uma etapa inicial do progresso tecnológico e, por isso, não deve ser deixado à margem da sociedade: deve ser integrado à vida da comunidade [...] (ABREU, 2006, p.4).

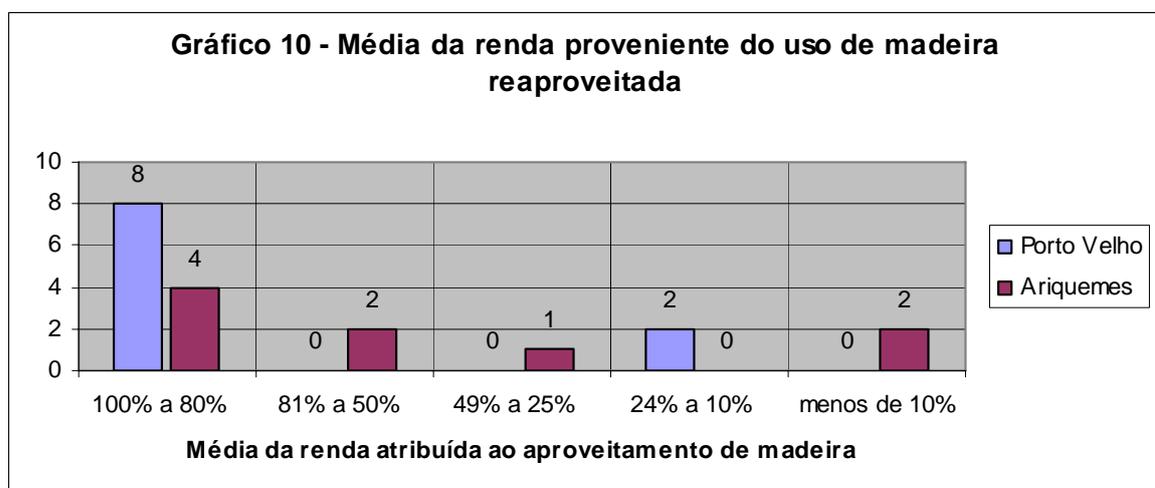
O artesanato é forma de sustento do artesão e de sua família, como encontrado na pesquisa ao analisar a renda familiar e a renda específica vinda da venda das peças produzidas:

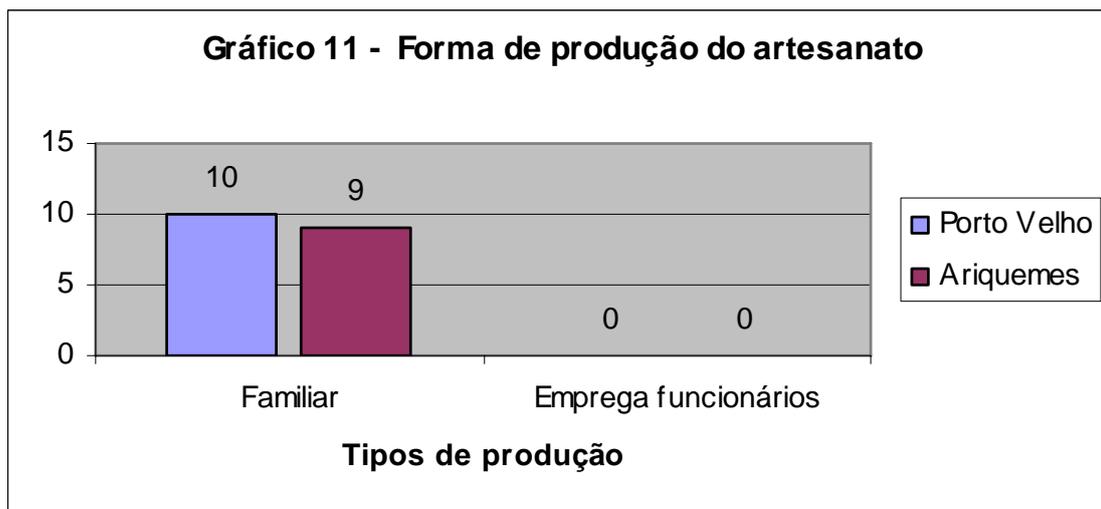




Ao verificar os gráficos observa-se uma concentração de indivíduos com renda de até 02 salários mínimos e desses indivíduos a maior parte da renda geral é proveniente do artesanato em madeira. E a matéria-prima utilizada é obtida através de reaproveitamento em sua grande maioria.

Essa renda advém de uma forma de trabalho familiar em ambas as cidades, como encontrado na pesquisa, o que fortalece a afirmação que o ensinar e aprender da profissão é repassado de geração para geração. Um dos pesquisados relatou já ter tido funcionários, mas os custos para mantê-lo era muito alto e assim preferiu continuar apenas com a participação da família.





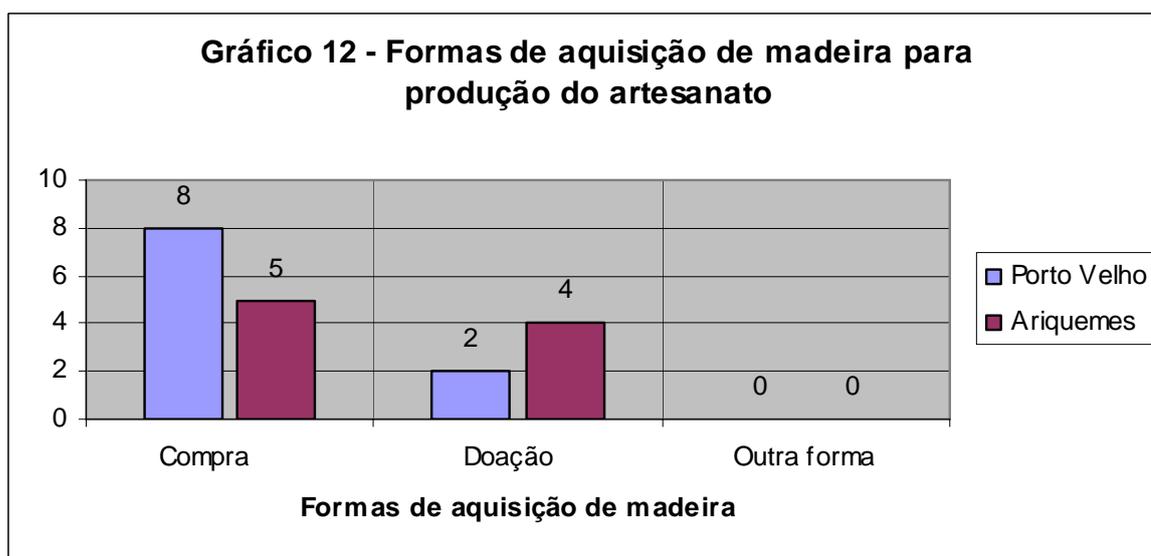
São nas oficinas, ou ateliês como alguns identificam o seu ambiente de trabalho criativo, é la que o artesão escolhe a matéria, ferramentas que usará e define o produto. *"O instrumento utilizado pelo artesão é um prolongamento da sua própria mão. A relação do instrumento com o artesão é tão necessária quanto a relação que há entre a idéia e o pensador"* (ABREU, 2006, p.4).



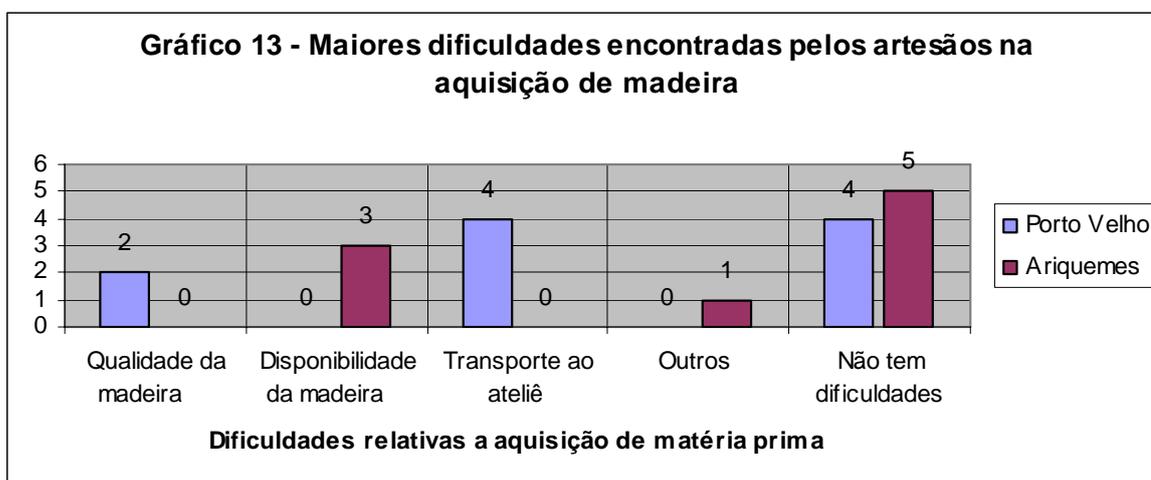
Foto 08: Oficina de artesanato na cidade de Ariquemes.

Autora: PERES, M. R., 2008.

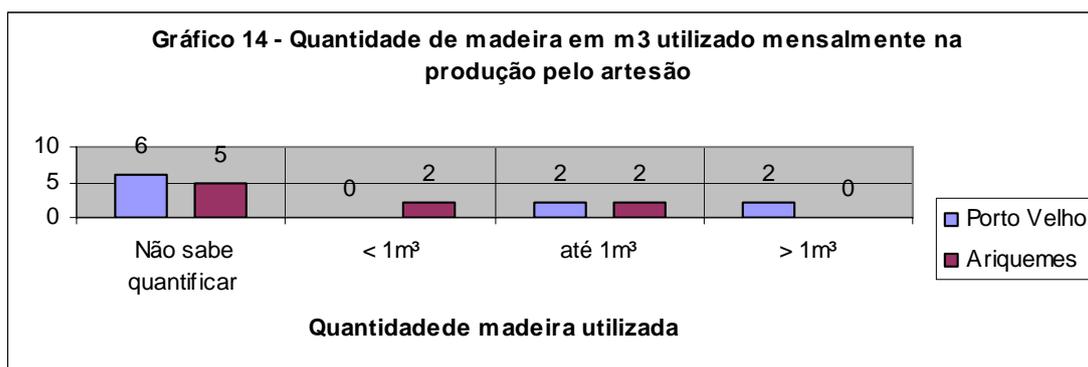
Mas a matéria-prima necessária nem sempre é de fácil acesso, sendo a aquisição por compra a mais comum em ambas as cidades, mas com maior incidência na cidade de Porto Velho, já em Ariquemes há quase um equilíbrio entre compra e doação de madeira por parte das indústrias de beneficiamento.



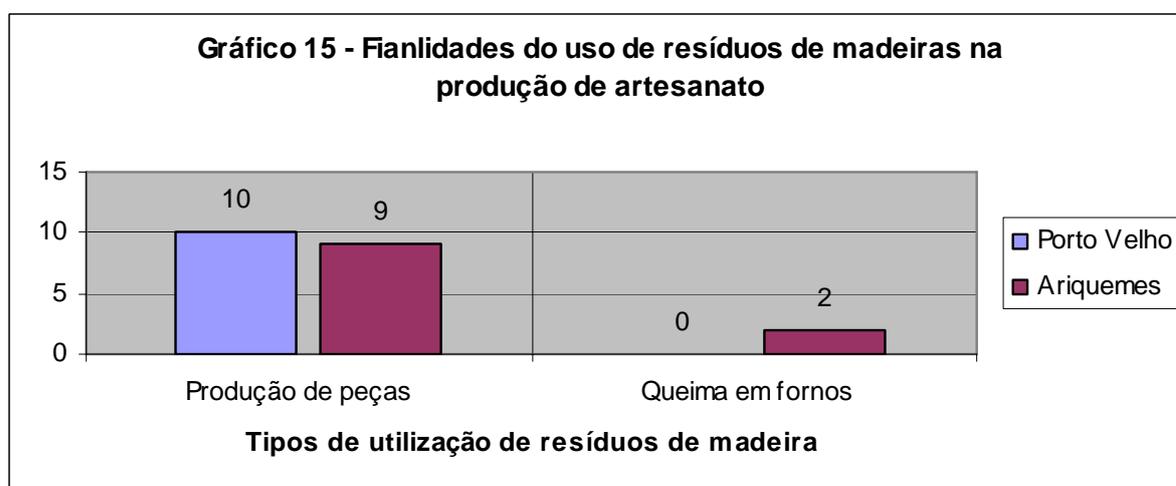
A qualidade da madeira é o fator menos complicante na hora da aquisição, mas um fato que chama a atenção é Ariquemes ser um pólo de extração de toras e apenas 03 dos artesãos da cidade ter na disponibilidae da madeira o maior fator de dificuldade, já em Porto Velho o transporte da matéria-prima foi o fator mais complicante, porém a maioria dos artesãos não encontra nenhum tipo de dificuldade quando vão adquirir madeira.

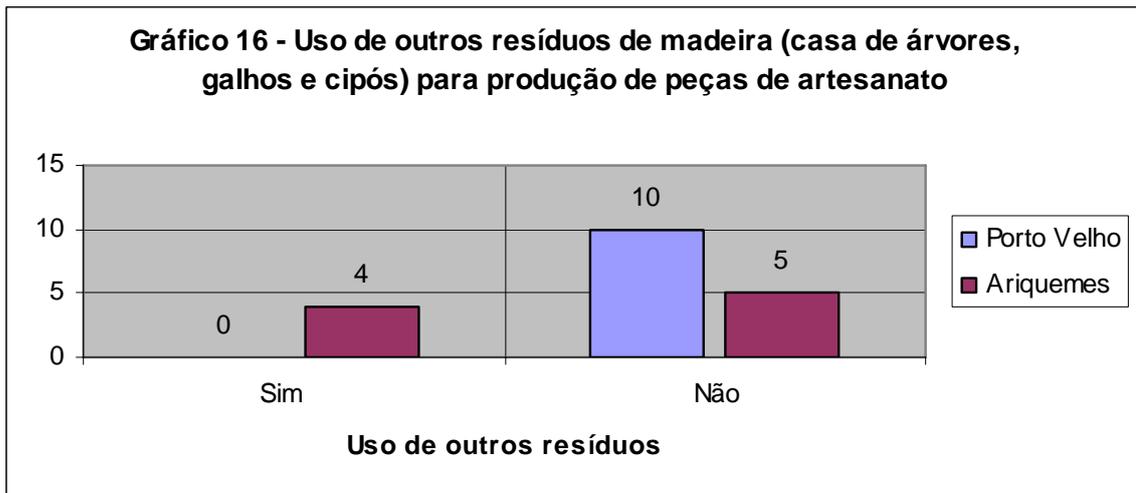


Porém, a maioria não soube quantificar com exatidão o quanto de madeira utiliza mensalmente na produção, mas os que identificaram disseram utilizar em média 1m^3 . Sendo essa uma quantidade muito elevada para a média de renda mensal caberia um novo estudo para verificar o relato dos entrevistados, mas esse não foi o foco deste estudo:

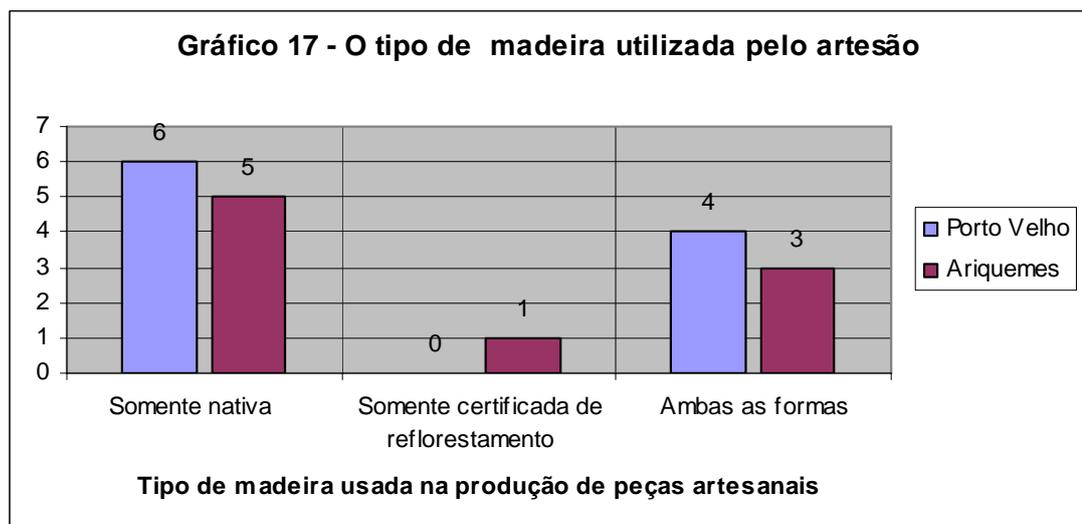


O uso de resíduos de madeira não é uma prática comum em nenhuma das cidades pesquisadas, mas quando utilizado é aproveitado na produção das peças artesanais, apenas em Ariquemes foi possível encontrar o uso também em fornos. O aproveitamento de outras partes da árvore também não encontra muitos adeptos, somente em Ariquemes foi identificada uma artesã que utiliza cipós e folhas em produtos decorativos:





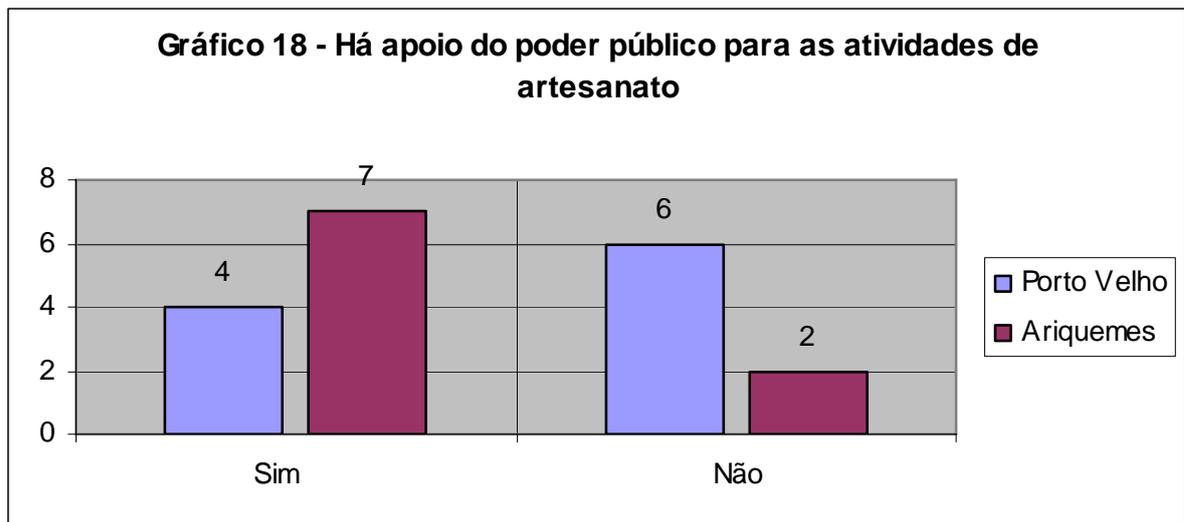
A preocupação quanto ao tipo de madeira se é nativa ou de reflorestamento não é fator que influencia a produção. Durante as entrevistas surgiu a questão sobre a madeira proveniente de reflorestamento e certificada e ao serem questionados, foram unânimes em demonstrar que esse tipo de preocupação pode inviabilizar os custos das peças. A maioria em ambas as cidade utilizam madeira nativa, outra parte dos entrevistados dizem usar a que estiver disponível e apenas uma pequena minoria na cidade de Ariquemes diz ter a preocupação em utilizar apenas madeira certificada.

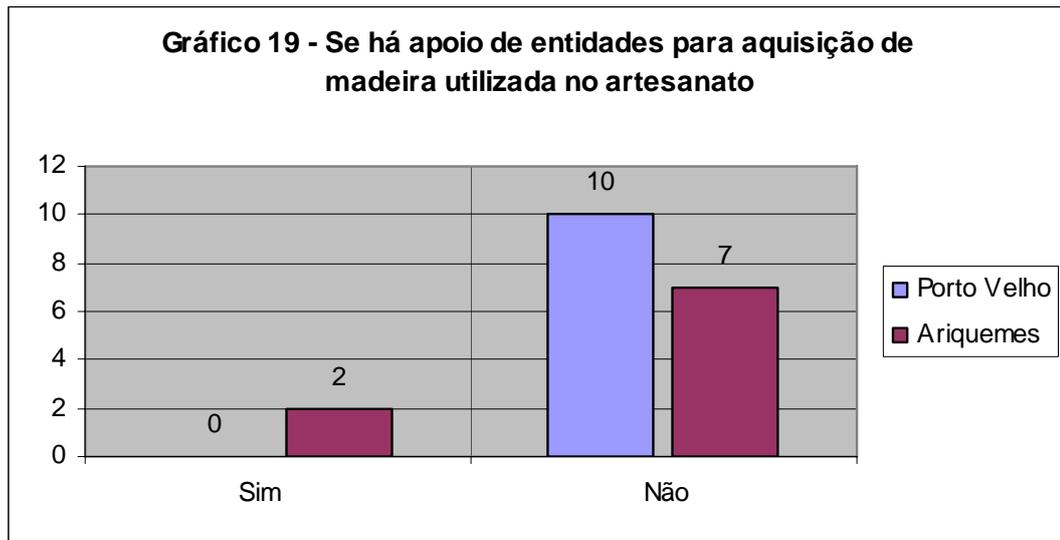


4.3.2 Ações de entidades e governo

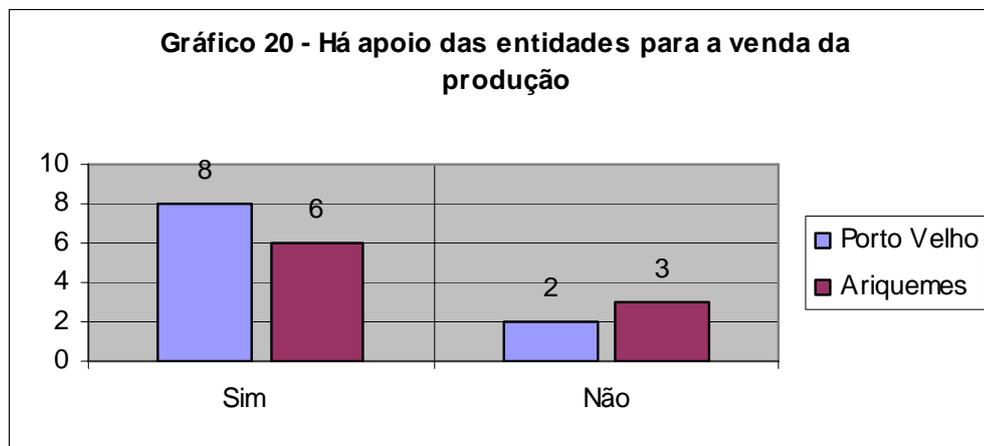
A necessidade de criar ações inclusivas aos grupos comumente excluídos e gerar emprego para estabilizar uma sociedade contemporânea que convive com desemprego, levou o governo a criar ações locais para o desenvolvimento do artesão, e também provocou a criação de entidades associativas da classe para apoiar seus filiados. A maioria dos entrevistados em ambas as cidades identificaram ações do governo para valorização do artesanato.

Segundo os dirigentes das entidades entrevistadas são poucos os associados que usam a madeira como matéria-prima na produção de suas peças, sendo esse o motivo das entidades não participarem na aquisição de matéria-prima que será usada pelos artesãos, bem como não souberam identificar as dificuldades encontradas nesse processo. Dessa mesma forma, não há incentivo para uso de refugos/resíduos ou de madeiras de reflorestamento.





Os entrevistados disseram ter apoio das entidades locais para escoamento da produção, com participação em feiras, exposições e lojas próprias.



Durante a pesquisa foi possível verificar que as atividades mais comuns são feiras e exposições em ambas as cidades, independente dos produtos:



Fotos 09 e 10: Feira do Porto na cidade de Porto Velho.
 Autora: PERES, M. R., 2008



Foto 11: Exposição na AMARI
 em Ariquemes.
 Autora: PERES, M. R., 2008

4.3.3 Acesso ao mercado e capacitação

Além das dificuldades para aquisição e produção de suas peças, o artesanato ainda tem a preocupação em lidar com mercado e suas tendências, algo que pode ainda ser mais complicado, visto que a atividade em geral é uma atividade

doméstica, transmitida através de gerações onde nem sempre há habilidade para o comércio noção de mercado.

O trabalho artesanal em madeira desenvolve-se em âmbito doméstico ou em oficinas, onde o artesão divide seu tempo com outros trabalhos ou exerce exclusivamente as atividades artesanais. Na produção doméstica, o aprendizado ocorre por meio da observação e da colaboração. Segundo Governo do Paraná (1992), o artesanato vai sendo feito sem escola, passando de pai para filho, transmitido por voz e tradição: "a arte nasce sozinha; se plantar, não pega. Estudo não é preciso, somente idéia interessante". (ABREU, 2006, p.9).

Não há apoio por parte do governo para aquisição de madeiras e o apoio das entidades para a comercialização de peças fica limitado às lojas das entidades ou participação nas exposições:



Fotos 12 e 13: Loja da AARON em Porto Velho. Autora: PERES, M. R., 2008





Fotos 14 e 15: Feira do agricultor em Ariquemes.
 Autora: PERES, M. R., 2008

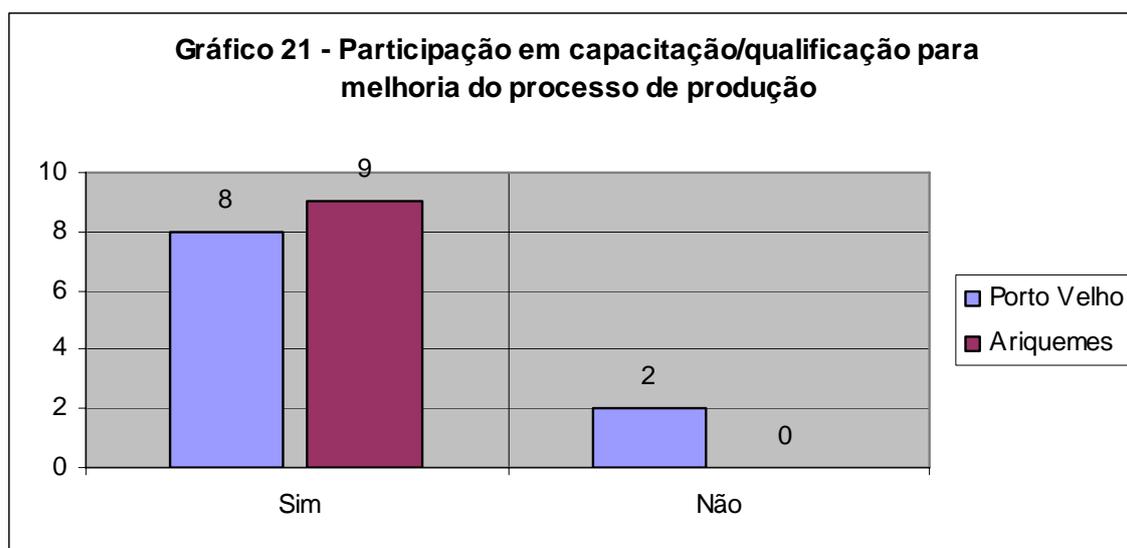


É muito fácil encontrar artesanatos pelas feiras do Brasil, essa é uma prática comum. Seja feiras fixas, feiras promocionais ou exposições, basta passear pelos principais pontos de alguma cidade e logo pode se identificar o artesanato local. *"A produção artesanal brasileira encontra, nas feiras semanais (antigas feiras hippies, atuais feiras de artesanato) e nos mercados municipais, seus maiores canais de escoamento"*(ABREU, 2006, p.6).

O ensinar e o aprender na atividade do artesanato são algo que acontece naturalmente por ser um conhecimento passado em âmbito familiar ou em

pequenas oficinas, tendo característica predominantemente manual que pode ter finalidade artística e/ou utilitária.

Em geral, o mestre artesão ensina seu ofício ao pupilo que pode ser um empregado ou um parente. Ao pesquisar o item capacitação foi possível encontrar pouca procura por melhorias na fabricação de peças ou nas formas de melhorias dos processos de produção:



As formas de produção de cada artesão são conhecimentos individuais que são naturalmente repassados, porém, para conseguir uma melhor "colocação" de suas peças no mercado, faz se necessário que ele se integre as boas práticas da administração e assim encontre formas de melhor produzir e escoar a produção:

O conhecimento e a formação são partes da mesma cadeia: cada um é um elo que cresce individualmente e também contribui para o aprendizado e o crescimento de todos! Por isso, a qualificação de quadros profissionais é indispensável para otimizar os resultados da promoção cultural.

[...]

O universo das atividades culturais é muito grande e as manifestações econômicas que se encontram nesse universo também são variadas. Algumas práticas culturais se desenvolvem no mercado, criando produtos que podem ser vendidos, permitindo

ao produtor viver de seu trabalho. Outras são subvencionadas pelo Estado ou por mecenas, ou seja, necessitam de apoio financeiro para se desenvolverem plenamente. Mas, estejam ou não situadas no mercado como atividades produtivas, todas as atividades culturais têm dimensões econômicas, pois para sua realização são necessários recursos para obtenção de matériaprima e realização do trabalho (SESI/DN, 2007. p24).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas composições econômicas e nos indicadores de desenvolvimento, por muito tempo, o item cultura não foi considerado como forma produtiva. Porém, atualmente, a cultura com suas várias formas de expressão, conquistaram seu lugar nos indicadores da economia mundial como ativo intangível. A necessidade de buscar formas alternativas de produção que sejam viáveis economicamente e ecologicamente, fez perceber uma possibilidade através da cultura popular, ou melhor, através de um dos segmentos da cultura popular que sempre esteve presente no cotidiano dos brasileiros, seja por decoração ou por utensílio. Também preocupada em procurar uma forma de aproveitamento dos resíduos causados pelo extrativismo fortemente presente na região norte, surgiu esta pesquisa, realizada com a observação entre a capital rondoniense, que já sofre de males urbanos como o do desemprego, e a cidade de Ariquemes que possui a extração de madeira como uma das principais atividades econômicas.

O beneficiamento de madeiras gera vários tipos de resíduos que nem sempre são aproveitados e desta forma são descartados. Muitas vezes apodrecem em espaços abertos dentro da própria empresa ou ainda são simplesmente queimados, causando assim um mal ainda maior à população, pois a fumaça e as cinzas, neste caso, só contribuem para aumentar a poluição local. A exploração da madeira é uma atividade que sofre vários tipos de pressões sociais para sua fiscalização, minimização ou até eliminação, ações que colaborem para a diminuição do desperdício são tidas como favoráveis à sociedade e ao meio ambiente. O autor Diederichsen (2002?, p.15) diz que em Rondônia há poucas zonas de reflorestamento e confirma a necessidade do uso de resíduos de madeira e a necessidade de certificação:

A coleta de resíduos e aparas é viável para a fabricação de peças artesanais como por exemplo, brinquedos e utilitários pequenos. Os artesãos devem organizar este tipo de coleta em grupo, diminuindo o custo do transporte.

[...]

Fomentar a utilização de madeiras alternativas, enriquece o trabalho e contribui para o plano de manejo tornar-se viável.

[...]

A certificação dos produtos artesanais em madeira será seguramente um dos maiores desafios para o setor madeireiro e moveleiro nos próximos anos.

As atividades extrativistas do estado de Rondônia fazem parte das culturas imigrantes iniciadas ainda na colonização e reforçadas pelos planos de desenvolvimento da região amazônica. O estado abriga vários tipos de cultura, neste estudo foi abordado o segmento denominado de "cultura popular" em uma das atividades que a compõem: o artesanato, tendo como seus produtos, o fruto do fazer individual dos artesãos que utilizam madeiras na confecção de suas peças, e assim mantêm através de sua arte a cultura popular da região e dos seus imigrantes. Conforme pesquisado, o comércio dos produtos do artesanato serve para a divulgação e manutenção do artesão e sua família, sendo que vários destes artistas podem gerar empregos diretos e indiretos em seus ateliês, ensinar o ofício aos seus descendentes e aprendizes.

Mas antes se faz necessário relatar um bom exemplo sobre a influência do artesanato sobre uma comunidade descrito por Reis (2007, p.157-159), que fala da Associação Quilombola de Conceição de Criolas - AQCC, localizada a 550km de Recife - PE que tinha até 1987 a produção do algodão como seu principal produto comercial e uma agricultura de subsistência, e conseguiu melhorar e desenvolver a comunidade através da promoção da identidade e história de seus indivíduos que em 2001 passou a integrar um programa de resgate da cultura local:

Hoje, é o artesanato - [...] - que garante o sustento direto de 45 famílias e indiretamente mantém duzentas outras pessoas da comunidade. Mais que geração de emprego e renda, o artesanato promove a inclusão social por meio da valorização da identidade cultural, [...]. São 180 artesãos capacitados por meio de oficinas técnicas. Cada peça produzida conta a história da comunidade [...].

Este é apenas um dos muitos exemplos que poderiam compor esta pesquisa, mas não foi essa a intenção inicial, mas sim o de demonstrar o potencial adormecido que a região possui.

De acordo com Zenone (2006, p. 77), do ponto de vista econômico, as atividades culturais representam uma enorme fonte de negócios, receita e empregos; atraem investimentos externo, alimentam o segmento do turismo e, portanto movimentam a economia do país. Ainda, nos esclarece sobre quando o governo publica uma lei de incentivo à cultura, por exemplo, está fazendo uso do direito de intervir, mesmo de uma forma indireta, em uma questão de interesse público. A ação direta é quando o governo investe em alguma atividade cultural usando recursos que são alocados nos órgãos públicos (ministérios ou secretarias de cultura). Porém, ressalta: *"para que essas ações sejam implementadas em uma sociedade, no entanto, torna-se necessária uma orientação clara e precisa acerca do papel do Estado em relação à cultura"* (ZENONE, 2006, p. 91).

Para desenvolver esta pesquisa foram entrevistados os artesãos cadastrados das duas cidades, sendo que foram averiguadas as situações de produção, renda e apoio público.

A pesquisa do IBGE (2006) realizada em 2003, relata que os salários dos indivíduos do setor cultural, quem vivem da fabricação de diversos artefatos fica em torno de 2,2 salários mínimos, um média menor do que a encontrada na pesquisa que é acima de 03 salários mínimos. Não há geração de emprego nas oficinas devido o alto custo em manter um empregado e por não haver incentivo do governo nesse sentido, conforme relatado pelos próprios indivíduos,

caracterizando assim uma produção familiar. Uma política de investimentos adequada para o apoio aos artesãos, tanto nas orientações sobre as relações empresariais e trabalhistas, bem como nas técnicas utilizadas para a formação de preço e visão mercadológica podem influenciar não só na melhoria da renda como na possibilidade de geração de emprego.

Ao analisar as despesas com cultura em todas as esferas do governo são os municípios que mais despendem recursos nesta área, como relatado na referida pesquisa do IBGE. Porém, os artesãos entrevistados dizem que praticamente não há investimentos relacionados à produção de artesanato. Portanto, outras atividades culturais devem estar com maior nível de prioridade para os governos. Sem aguardar ações do governo o artesão segue produzindo:

O artesão, ao produzir uma peça, está preocupado com a possibilidade de conseguir seu sustento e de sua família. Um artesão é, acima de tudo, um fabricante de artefatos e, portanto, sujeito às regras do mercado. O artesanato, enquanto produto com valor de troca, obedece às leis universais da oferta e da procura. E o mercado rejeita aquilo que não corresponde às suas expectativas de consumo. (SEBRAE, 2005)

A pesquisa levantou questão a cerca da influência do uso dos resíduos provenientes das indústrias de beneficiamento, os artesãos de Porto Velho afirmaram por unanimidade que há influência direta e uma minoria na cidade de Ariquemes diz não haver nenhuma influência do uso de resíduos nas formas de produção.

Não foi identificada nenhuma ação de favorecimento à aquisição de matéria-prima, ao contrário, foram relatadas as dificuldades em conseguir matéria-prima e o uso de resíduos de madeira como alternativa não é uma realidade.

O aproveitamento desses resíduos, encarados como matéria-prima alternativa, torna-se uma ferramenta muito interessante, sob os

pontos de vista ecológico, social e econômico, promovendo uma redução dos impactos ambientais, pois tais resíduos deixam de ser depositados em locais impróprios. A esse fato, soma-se o aspecto social, pelo incentivo ao artesanato e à inclusão de menores aprendizes em atividades de marcenaria, o que possibilita o desenvolvimento de habilidades e competências para o mundo do trabalho. Do ponto de vista econômico, o empresário passa a obter um rendimento extra; são geradas novas fontes de renda e empregos para a comunidade e o comércio de pequenos objetos é incentivado. (ABREU, 2006, p.1)

Apesar de haver legislação de proteção e incentivo a diversidade cultural, leis de fomento nas esferas federais, estaduais e municipais, não foi encontrada nenhuma legislação pelo estado de Rondônia que favoreça essas práticas. Nas cidades estudadas somente a cidade de Ariquemes apresentou atividades de apoio especificamente ao artesanato.

A autora Beloni (2000) alerta para o fato que os financiamentos culturais no atual formato de concessão 100% de incentivo, tirou a responsabilidade das empresas em se preocuparem em custear projetos culturais, e o que deveria ser investimento torna-se apenas um repasse e ainda fortalece o pouco caso do Estado com o meio cultural, assim, a responsabilidade de ações que fortaleçam as diversidades culturais ficam no famoso jogo do "empurra-empurra" e nenhuma esfera do governo assume seu papel efetivo e esperado. No estudo realizado a cidade de Ariquemes possui uma melhor estrutura de apoio por parte do governo municipal para os artesãos, com espaços na feira permanente, com criação de feiras específicas e na parceria com as entidades que possibilitam a aquisição de madeira ou em forma de doação ou em preços customizados. Já na cidade de Porto Velho os artesãos não relataram nenhum tipo de apoio pelo governo local até o ano de 2008. Ambas as cidades contaram com apoio do SEBRAE-RO para as capacitações e divulgação dos produtos.

O mercado mundial através de venda direta ao consumidor ou através de ações governamentais movimenta uma grande quantidade de recursos, como

descreve Cardoso (2005, p. 141). O que poderá indicar um mercado futuro para os artesãos das cidades pesquisadas, o que contribuirá para a viabilidade econômica da produção de peças artesanais. Considerando que a produção artesanal é produto de um fazer individual, com características próprias de quem produz, há uma maior valorização por parte do consumidor, fato que pode ser utilizado como positivo nas ações de divulgação e colocação das peças no mercado.

Os resíduos de madeira gerados nas cidades pesquisadas podem compor a cadeia produtiva do artesanato local e contribuir para uma composição de preço mais atrativo aos clientes. Sendo a extração de madeira uma das principais atividades do estado, por ter conhecimento que geralmente o artesão trabalha com o material disponível em maior quantidade, fica lógico o uso dos "restos" da atividade extrativista para a produção de peças artesanais o que possibilitaria uma cadeia produtiva sustentável. Mas não é simples assim, visto que a aquisição desses resíduos é dificultada pelos fornecedores que devem mencionar a origem da madeira e por temerem mais fiscalizações preferem não fazê-lo, e por falta de legislação que ofereça vantagens e incentivos para tal prática. Também dessa forma o artesão fica desestimulado em manter a preocupação em utilizar madeiras somente vindas de áreas com manejo ou de reflorestamento, o que dificultaria ainda mais a aquisição de matéria-prima para a confecção de suas peças.

Os artesãos dos locais pesquisados e que se dedicam ao ofício com madeira, conseguem uma média salarial maior que a média nacional. Mas ao analisar o censo cultural do IBGE pode-se notar que a atividade artesanal com madeira ocupa os primeiros lugares em vários segmentos e isso pode ser melhorado com a criação e implantação de formas de incentivo a produção e a valorização dos produtos resultantes dos mestres artesãos. Esses incentivos

podem ser diretamente à sociedade para a aquisição e valorização das características culturais do artesanato local, gerando assim maior demanda aos produtos e conseqüentemente melhorando a renda do segmento.

Ao finalizar a discussão proposta, ressalto a necessidade de apoio e ações afirmativas para mantermos as atividades artesanais na região, não só como forma de melhoria de vida do cidadão/artesão, mas também como forma de preservação dessa cultura popular que ainda sofre preconceitos e ao mesmo tempo é valorizada no mercado globalizado. Criar peças que caracterizem a região e valorizem o povo onde são produzidas, é tarefa árdua que os artesãos das cidades pesquisadas estão dispostos a relizar, para isso bsta maior envolvimento por parte da sociedade e do poder público.

BIBLIOGRAFIA

1. ASSUMPÇÃO, Luiz Carlos Flôres.de. *As políticas públicas e o desenvolvimento cultural dos bóis- bumbás e das quadrilhas no município de Porto Velho-ro*. Brasília-DF, 2008. 70 f. Monografia (Especialização em Gestão de Políticas Públicas de Cultura) - Universidade de Brasília-DF, 2008.
2. ABREU, Luciana Barbosa de. *Pequenos Objetos de Resíduos de Painéis de Madeira Gerados pela Indústria Moveleira 2006*. 104f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Florestal, área de concentração Ciência e Tecnologia da Madeira) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2006.
3. BELONI, Izaura; MAGALHÃES, Heitor; SOUZA, Luzia Costa de. *Metodologia de Avaliação em Políticas Públicas*. São Paulo: Cortez, 2000.
4. BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007. 361p.
5. BRANT, Leonardo. *Mercado cultural: investimento social, formatação e venda de projetos, gestão e patrocínio, política cultural*. São Paulo: Escrituras, 2001. 167 p.
6. _____. *Mercado cultural: panorama crítico e guia prático para gestão e captação de recursos*. São Paulo: Escrituras, 2004. 174 p.
7. BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Saraiva, 2004. 386 p.
8. CARDOSO. Cláudio. Economia da cultura: observações de um educador. In: RUBIM, Linda. *Organização e produção da cultura*. Salvador: Edefba, 2005. p. 133-144.

9. CETENE - Centro de Educação Tecnológica e de Negócios de Rondonia. **Catálogo de artesanato de Rondonia**. Porto Velho-RO: SEBRAE, 2007, 100p. ilustrado.
10. COSTA, Ivan Freitas da. **Marketing Cultural: o patrocínio de atividades culturais como ferramenta de construção da marca**. São Paulo: Atlas, 2004. 190 p.
11. DEMO, Pedro. **Sociologia: uma introdução crítica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1995.
12. DIEDERICHSEN, Lars. **Artesanato & Design**. Rondônia: Sebrae/ro, [2002?]. 67 p. Programa de artesanato SEBRAE/RO.
13. ESTEVAM, Joelma Zambão. **Alternativas para o desenvolvimento do trabalho do profissional de artes plásticas na cidade Curitiba**. 2001. 117 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
14. FREITAS, Luiz Carlos de. **A baixa produtividade e o desperdício no processo de beneficiamento da madeira: um estudo de caso**. 2000. 148 f. Tese (Doutor) - Curso de Engenharia de Produção, Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.
15. FUNARTE (Fundação Nacional de Arte). **Artesanato brasileiro**. 2.ed. Introd. de Clarival do Prado Valladares. Rio de Janeiro, 1980. 165 p. 165.
16. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Sistema de Informações e Indicadores Culturais 2003. In.: **Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica**. n. 18, Rio de Janeiro: IBGE, 2006. 124p.

17. _____. Suplemento da Cultura
18. HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
19. KAPLAN, Abraam. **A conduta da pesquisa: metodologia para as ciências do comportamento**. São Paulo: Herder, 1972.
20. KIPNIS, Bernardo. Apostila do módulo **O processo de pesquisa em ciências sociais**, do curso *Gestão de Políticas Públicas em Cultura* - UNB/Minc/2007.
21. KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de Metodologia Científica: Teoria da Ciência e prática da pesquisa**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 187 p.
22. LIMA, J; SANTOS, J. dos; HIGUCHI, Niro. Situação das indústrias madeireiras do estado do Amazonas em 2000. *Acta Amazônica*. v. 35, n. 2. 2005. p. 125 - 132.
23. MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.
24. _____. _____. **Metodologia Científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.
25. _____. _____. **Técnicas de Pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
26. MARINHO, Heliana. **Artesanato: tendências do segmento e oportunidades de negócios**. Sebrae: Rio de Janeiro. (S.D.) Disponível em:
[http://201.2.114.147/bds/BDS.nsf/1E54FD5A8D8594EE8325735B006E1BBE/\\$File/NT0003610A.pdf](http://201.2.114.147/bds/BDS.nsf/1E54FD5A8D8594EE8325735B006E1BBE/$File/NT0003610A.pdf)

27. MAYER, L. Paul. **Probabilidade Aplicações à Estatística**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1974.
28. MIRANDA FILHO, Júlio Augusto. Apresentação. In.: DIEDERICHSEN, Lars. **Artesanato & Design**. Rondônia: Sebrae/ro, [2002?]. 67 p. Programa de artesanato SEBRAE/RO.
29. MOREIRA, A. Daniel. **Administração da produção e operações**. 6. reimpressão. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
30. OLIVEIRA, Maria Marly. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**. Recife: Bagaço, 2005.
31. PIB brasileiro cresce 2,9% em 2006, acima do esperado pelo mercado, indica o IBGE disponível em:
<http://noticias.uol.com.br/economia/ultnot/2007/02/28/ult4294u217.jhtm>
em 10/2007
32. [PNUD]. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. "Human Development Report 2004". 285 p. Disponível em URL:
http://www.hdr.undp.org/reports/global/2004/pdf/hdr04_complete.pdf
33. QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria L. de O.; OLIVEIRA, Márcia G. de. **Um toque de Clássicos: Durkheim, Marx e Weber**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
34. REIS, Ana Clara F. **Marketing Cultural e Financiamento da Cultura**. São Paulo: Peioneira Thomson Learning, 2003.
35. _____. **Economia da Cultura e Desenvolvimento Sustentável: Um caleidoscópio da cultura**. Barueri-SP: Manole, 2007.

36. RIBEIRO, Darcy. *Os brasileiros*: Livro I - Teoria do Brasil. 4 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.
37. _____. *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
38. RUDIO, Franz Victor. *Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. 120 p.
39. RUIZ, João Álvaro. *Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos*. 4. ed. São paulo: Atlas, 1996.
40. SALES-CAMPOS, C.; ABREU, R. L. S. de; VIANEZ, B.F. Indústrias Madeireiras de Manaus, Amazonas, Brasil. *Acta Amazônica*. v. 30, n. 2. p. 319-331. 2000.
41. SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. *Programa SEBRAE de Artesanato: Termo de Referência*. Brasília: SEBRAE, 2004. 77p.
42. SESI/DN -Serviço Social da Indústria. Departamento Nacional. *Tecnologia SESI Cultura e as leis de incentivo: desenvolvendo competências para busca de financiamento e viabilização de projetos culturais*. Brasília: SESI/DN, 2007. 50p.
43. TOLILA, Paul. *Cultura e Economia: problemas, hipóteses, pistas*. Tradução, Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2007. 140p.
44. THROSBY, David. Cultural capital. In.: *Journal of cultural economics*. N. 23, 1999. p. 3-12.

45. ULIANA, Lis Rodrigues. *Diagnóstico da geração de resíduos na produção de móveis*: subsídios para a gestão empresarial. 2005. 102 f. Dissertação (Mestrado em Recursos Florestais) - Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2005.

46. YÚDICE, George. *A conveniência da cultura: Usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. 615p.

47. ZENONE, Luiz Cláudio. *Marketing Social*. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

ANEXO A - Produtos de artesãos de Ariquemes



Fotos 16 e 17: Associação moveleira de Ariquemes
Autora: PERES, M.R.



Fotos 18 e 19: Feira
(permanente) do agricultor
de Ariquemes
Autora: PERES, M.R.

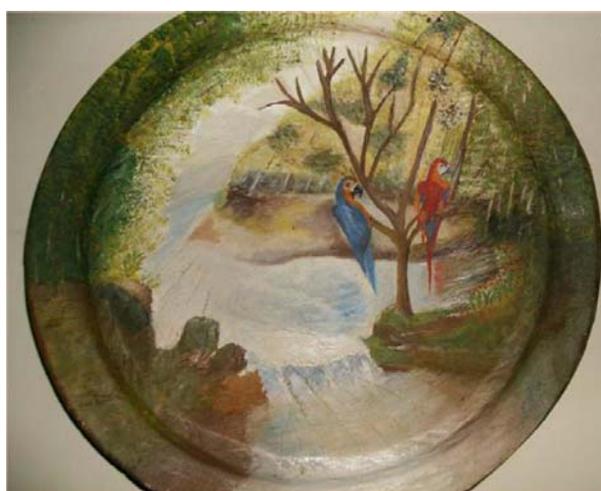
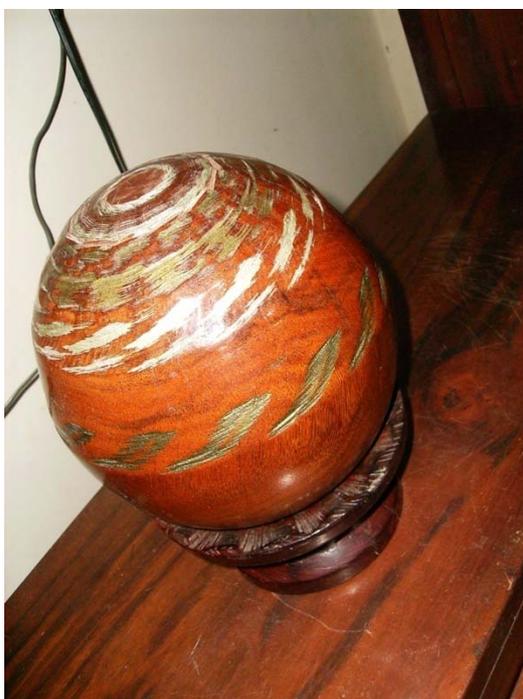


continuação



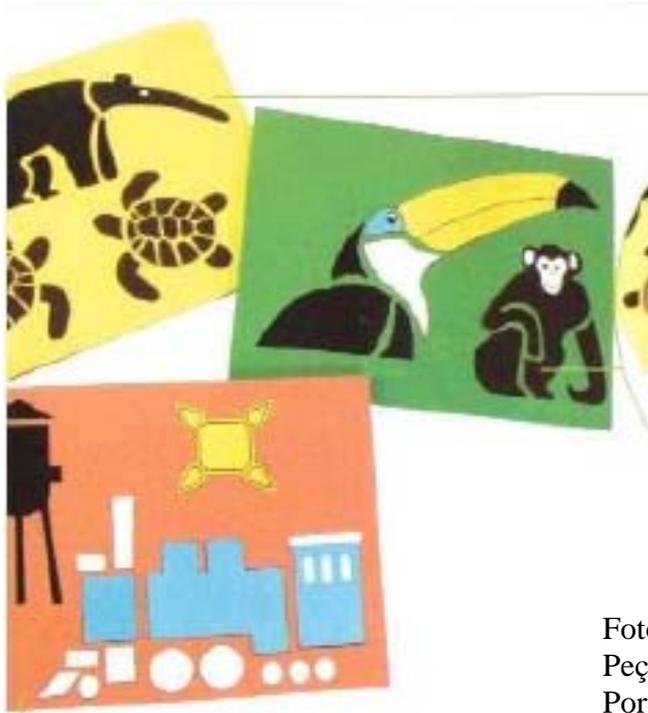
Fotos 20, 21 e 22:
Peças de artesãos de
Ariquemes.
Fonte: Catálogo
CETENE



ANEXO B - Produtos de artesãos de Porto Velho

Fotos 23, 24, 25,, 26 e 27:
Peças de artesão de Porto
Velho
Autora: PERES, M.R. e
GALHARDO, S.

continuação



Fotos 28, 29 e 30:
Peças de artesãos de
Porto Velho
Fonte: Catálogo
CETENE



APÊNDICE A

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA - UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA (NCT)
COORDENAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO
REGIONAL E MEIO AMBIENTE

TERMO DE CONSENTIMENTO E ESCLARECIMENTO

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário, de uma pesquisa que objetiva levantar dados sobre a produção de peças artesanais em madeira no estado de Rondônia.

A produção de artesanatos com uso de madeira é já é uma realidade no estado, mas se faz necessário conhecer as formas desta produção. A pesquisa será aplicada a artesãos de ambos os sexos, independente da faixa etária. E em entidades que apoiem as atividades artesanais do estado. Caso você esteja disposto (a) a participar, será entrevistado (a), sendo muito sincero (a) em suas respostas, é importante esclarecer que não será realizado nenhum procedimento que lhe traga risco de vida, moral ou algum desconforto, terá suas peças e oficina fotografada.

Pela sua participação, você não receberá qualquer valor em dinheiro ou outro pagamento. Se tiver dúvida poderá procurar a coordenação do mestrado pelo telefone (69) 2182-2120

Nome:

Endereço:

a) pelo próprio artesão b) por alguém da família c) por alguém contratado

9°. Quanto de madeira (metros cúbicos) é utilizado pelo ateliê/artesão mensalmente? _____

10°. Como é a aquisição da matéria-prima para a produção das peças?

a) Compra b) doação c) outra forma Qual? _____

11°. Quem são os fornecedores desta madeira?

Compra: _____

Doada/cedida: _____

12°. Você utiliza resíduo (refugos) de madeira beneficiada para a sua produção? Se sim, quais as finalidades dessa utilização?

a) produção de peças b) queima em fornos

c) outros: _____

13°. Você utiliza algum outro tipo de "aproveitamento" (casca de árvores, galhos e cipós) na confecção de suas peças?

a) sim b) não

14°. Quais as maiores dificuldades enfrentadas pelos artesãos relativos à aquisição de matéria-prima?

a) qualidade da madeira b) disponibilidade da madeira c) transporte ao ateliê

d) outros. Quais? _____

15°. Você utiliza somente madeira nativa ou de reflorestamento?

a) somente nativa b) somente certificada de reflorestamento

c) ambas as formas

16°. O aproveitamento de madeira proveniente de madeireiras, serrarias ou indústria moveleiro, influencia a sua produção?

a) Sim b) Não

Por que? _____

17°. Existe algum tipo de apoio por parte de entidades (associações, cooperativas) para aquisição de madeira a ser utilizada na confecção das peças?

a) sim b) não

Se sim, qual? _____

18°. Existe algum tipo de apoio por parte de entidades (associações, cooperativas) para a venda das peças produzidas?

a) sim b) não

Se sim, qual? _____

19°. Existe algum tipo de apoio do poder público para as atividades do setor de artesanatos?

a) sim b) não

Se sim, qual? _____

20°. Já participou de algum tipo de capacitação/qualificação para melhorar o processo de produção de sua oficina?

a) sim b) não

Se sim, qual? _____

Abrir espaço para observações

APÊNDICE B

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA - UNIR
NÚCLEO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA (NCT)
COORDENAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO
REGIONAL E MEIO AMBIENTE

TERMO DE CONSENTIMENTO E ESCLARECIMENTO

A entidade está sendo convidada a participar, como voluntária, de uma pesquisa que objetiva levantar dados sobre a produção de peças artesanais em madeira no estado de Rondônia.

A produção de artesanatos com uso de madeira é já é uma realidade no estado, mas se faz necessário conhecer as formas desta produção. A pesquisa será aplicada a artesãos de ambos os sexos, independente da faixa etária. E em entidades que apoiem as atividades artesanais do estado. Caso você esteja disposto (a) a participar, será entrevistado (a), sendo muito sincero (a) em suas respostas, é importante esclarecer que não será realizado nenhum procedimento que lhe traga risco de vida, moral ou algum desconforto, terá suas peças e oficina fotografada.

Pela sua participação, você não receberá qualquer valor em dinheiro ou outro pagamento. Se tiver dúvida poderá procurar a coordenação do mestrado pelo telefone (69) 2182-2120

Nome da entidade: _____

Nome do representante que será entrevistado:

Endereço:

ROTEIRO PARA ENTREVISTA ESTRUTURADA - Entidades

1º. Quais os tipos de atividades são apoiados pela entidade?

2º. Quantos associados trabalham com madeira na produção do artesanato?

3º. Existe alguma forma de apoio ou estudo para aceitação/demanda das peças no mercado (relativo ao desing e utilidade)? Se sim, como isso acontece?

4º. Existe algum tipo de apoio por parte da entidade para aquisição de madeira a ser utilizada na confecção das peças pelos artesãos?

5º. Há algum tipo de incentivo para o uso de resíduos/refugos de madeiras pelos artesãos?

a) sim b) não

Se sim, quais as finalidades dessa utilização?

6°. Quais as maiores dificuldades enfrentadas pelos artesãos relativos à aquisição de matéria-prima?

7°. Existe algum tipo de apoio por parte das entidades para a venda das peças produzidas?

a) loja própria da entidade b) convênio com comércio local c) organização de feiras e exposições d) outros:

8°. Já ofereceram algum tipo de capacitação/qualificação para melhorar o processo de produção dos artesãos?

a) sim b) não

Se sim, qual?

9°. Há algum planejamento para que os artesãos passem a usar madeiras de reflorestamento?

a) sim b) não. Porque? _____

Se sim, como? _____

10°. Existe algum tipo de apoio do poder público para as atividades do setor de artesanatos?

a) sim b) não. Porque? _____

Se sim, como? _____

Verso folha de rosto

P4375a Peres, Mônica Regina
Artesanato em Madeira: um estudo comparativo entre os artesãos de Ariquemes e Porto Velho/ Mônica Regina Peres. Orientador Antônio Cláudio Barbosa Rabello – Porto Velho, 2009.
113f.

Dissertação apresentada à Fundação Universidade Federal de Rondônia para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente

1. Artesanato 2. Artesãos Porto Velho 3. Artesãos Ariquemes 4. Madeira I. Título
CDU: 334.712:-035.68 (811.1)

Catalogado por: Mônica Regina Peres – CRB11: 542

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)